



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

DIEGO SOUSA DA SILVA

A AMBIGUIDADE E O TEXTO DE HUMOR:
UMA ANÁLISE DO GÊNERO TIRINHA EM PROPOSTAS DIDÁTICAS

João Pessoa

2018

DIEGO SOUSA DA SILVA

A AMBIGUIDADE E O TEXTO DE HUMOR:
UMA ANÁLISE DO GÊNERO TIRINHA EM PROPOSTAS DIDÁTICAS

Trabalho apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciado em
Letras Português pela Universidade Federal
da Paraíba, sob orientação da Professora
Doutora Mônica Mano Trindade Ferraz.

João Pessoa

2018

S586a Silva, Diego Sousa da.

A Ambiguidade e o Texto de Humor: Uma Análise do Gênero
Tirinha em Propostas Didáticas / Diego Sousa da Silva.

- João Pessoa, 2018.

73 f. : il.

Coorientação.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Ambiguidade, tirinha, multimodalidade. 2. Gênero,
Análise linguística. I. Título

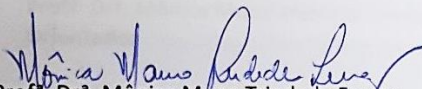
UFPB/CCHLA

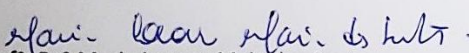


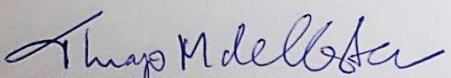
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE LICENCIATURA EM LETRAS

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Ata da sessão de defesa de Monografia para obtenção do grau de Licenciatura, conferido a **Diego Sousa da Silva**. No oitavo dia do mês de junho de dois mil e dezoito, reuniram-se na UFPB, Campus I, João Pessoa, os membros da Banca Examinadora composta pelos Professores Prof^ª. Dr^ª. Mônica Mano Trindade Ferraz, Prof^ª. Dr^ª Maria Leonor Maia dos Santos e Prof. Ms. Thiago Magno de Carvalho Costa, com o objetivo de proceder à arguição da monografia intitulada **A ambiguidade e o texto de humor: uma análise do gênero tirinha em propostas didáticas**, requisito conclusivo para obtenção do grau de Licenciado(a) em Letras – habilitação língua portuguesa. Após a arguição, os membros da Banca reuniram-se para deliberar sobre a nota a ser atribuída à monografia. O(A) presidente da sessão comunicou ao(à) aluno(a) e demais presentes que, por decisão da Banca, foi atribuída à monografia a nota dez. Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, assinada pelos membros da Banca. João Pessoa, 08 de junho de 2018.


Prof^ª. Dr^ª. Mônica Mano Trindade Ferraz
Orientador(a)


Prof^ª. Dr^ª Maria Leonor Maia dos Santos
Examinador(a) 1


Prof. Ms. Thiago Magno de Carvalho Costa
Examinador(a) 2

Prof. Dr. Magdiel Medeiros Aragão Neto
Suplente

Dedico este trabalho a minha família, aos meus amigos, a minha orientadora e, em especial, a minha espiritualidade maior, pois todos contribuíram muito para que eu conseguisse me graduar.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de fazer um agradecimento especial e individual a todos que contribuíram direta ou indiretamente para que eu chegasse até aqui, mas como fica inviável, tentarei ao máximo sintetizar minha gratidão.

Mãe, a senhora sabe de tudo que fez por meus estudos desde que pus meu pé no jardim de infância. Saiba que sou eternamente grato por tudo e espero um dia retribuir todo esse amor e devoção. Te amo.

Cybelle, minha irmã, por mais que você não saiba ou não tenha noção, muito do que caminhei foi incentivado por ti. Te amo.

Cecília, só eu sei o quanto você representa pra mim, por ter chegado no momento certo e me ensinar todo dia algo novo. Te amo mais que tudo, minha sobrinha.

Cordeiro, meu padrinho avohai, obrigado por tantas palavras firmes e doces de incentivo e determinação e sabedoria. Te amo.

Pai, sei que o senhor não está aqui fisicamente, mas está feliz por mais esse meu sonho realizado. Obrigado por ter se dedicado o quanto pôde para que eu fosse um homem de bem. Te amo.

Fernanda, Yago, meus irmãos queridos, apesar da distância, sinto que vocês caminham comigo de alguma forma. Um dia estaremos juntos, tenho certeza. Amo vocês.

Jerônimo, és o ponteiro da hora, como diria o poetinha. Obrigado por todo apoio que tens dado a mim em todos os momentos, todos os sentidos há 14 anos. Te amo.

Mônica, professora querida, você acreditou em mim com o olhar desde o primeiro segundo e isso me deu muita força nos momentos de quase desistência. Obrigado por tudo!

Bárbara, Danielle, Gianinni, Graça, Johnatan, Karla, Luciana, Marciel, Mário, Niltomar, Priscilla, Sâmia, Thiago, Verônica, Xenágoras, amigos queridos que amo e quero pra sempre comigo.

Minha espiritualidade maior que me guia, que me orienta, que me ergue, que me dá fôlego, que me alimenta, minha gratidão, meu amor e meu respeito por todos.

RESUMO

O presente trabalho vai mostrar que, muitas vezes, quem utiliza um gênero textual na elaboração de uma atividade, professores, por exemplo, perde a oportunidade de explorar textos ricos em recursos linguísticos e fenômenos semânticos, fazendo uso dos textos como pretexto para estudo da gramática normativa, abordando-a apenas de forma metalinguística. Fizemos uma pesquisa aprofundada nos quatro livros pertencentes a um dos autores mais estudados nas escolas do Brasil, William Cereja que, junto a Thereza Cochar, produziu a coleção "Português Linguagens", a fim de constatar como se dá o tratamento de um fenômeno semântico – ambiguidade, no caso – em um gênero multimodal muito presente nos livros didáticos (LD's): a tirinha. Com as concepções de Koch (2004) acerca do que é texto e Marcuschi (2008) nos dando base sobre tipo textual, gênero textual, suporte e domínio discursivo, fizemos um levantamento quantitativo sobre os gêneros multimodais presentes no objeto de análise e, de acordo com a concepção de semântica abordada por Ilari e Geraldi (2004), recortamos nosso corpus de análise, composto por oito atividades presentes na coleção, das quais quatro exploram a ambiguidade presente na tirinha que há na atividade e quatro não o fazem. Buscamos, ao longo desta pesquisa, não dar um objetivo único, mas levar o leitor a reflexões acerca dos saberes necessários para explorar mais de um LD, por este ser um material obrigatório, mas nunca totalmente satisfatório, além de permitir que quem leia perceba que é necessário explorar a tirinha tanto no material didático em uso quanto na elaboração de questões extras, por ser um gênero constituído de muitos recursos linguísticos verbais e não verbais.

Palavras-chave: ambiguidade, tirinha, multimodalidade, gênero, análise linguística

ABSTRACT

The present study will show that who use a textual genre in the elaboration of an activity, teachers, for example, lose the opportunity to explore texts which are rich in linguistic resources and semantic phenomena, making use of texts as a pretext for studying grammar normative, approaching it only in a metalinguistic way. We did an in - depth research on the four textbooks belonging to one of the most studied authors in Brazilian schools, William Cereja who, together with Thereza Cochar, produced the collection "Portuguese Linguagens", in order to verify how the treatment of a semantic phenomenon - ambiguity, in this case - in a multimodal genre very present in textbooks: the *tirinha*. Using Koch's (2004) conceptions about what text is and Marcuschi (2008) giving us a base on textual type, textual genre, support and discursive domain, we made a quantitative survey about the multimodal genres present in the object of analysis and, according to with the conception of semantics addressed by Ilari and Geraldi (2004), we cut our corpus of analysis, composed of eight activities present in such collection, in which four of them explore the ambiguity present in the comic strip in the activity and other four do not. Throughout this research, we seek not to give a single objective, but to lead the reader to reflections about the knowledge needed to explore more than one LD, since this is a mandatory material, but never totally satisfactory, as well as allowing those who read to perceive that it is necessary to explore the *tirinha* both in the didactic material in use and in the elaboration of extra questions, being a genre constituted of many verbal and nonverbal linguistic resources.

Keywords: ambiguity, comic strip, multimodality, gender, linguistic analysis

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
1. CONCEPÇÃO DE TEXTO, GÊNERO, SUPORTE E DOMÍNIO	14
1.1 – Tipo x Gênero Textual	15
1.2 – Gêneros do Humor	19
1.3 – Gênero Tirinha	23
1.4 – Recurso da Ambiguidade na Tirinha	26
2. SOBRE A COLEÇÃO “PORTUGUÊS LINGUAGENS”	29
2.1 – Textos de Humor na Coleção	30
2.2 – Gráfico das Tirinhas	34
3. ANÁLISE DE TIRINHAS COM AMBIGUIDADE NAS ATIVIDADES	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
BIBLIOGRAFIA	65
ANEXOS	67

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O mundo das linguagens e dos múltiplos sentidos que ela pode constituir é fascinante! A ideia deste trabalho é resultante de uma série de vivências pessoais – principalmente anteriores à vida acadêmica – baseadas em como o texto pode ser importante na construção do imaginário e do ideológico de alguém. Sempre consegui perceber dentro dos textos estudados e lidos que havia uma função implícita ali, mesmo que ela não fosse trabalhada pelo Livro Didático, pelos professores ou pelos meus pais; também sabia que essa subjetividade escondida em palavras ou expressões aparecia muito mais em textos de leitura “mais fácil” do que em textos cheios de palavras complicadas. Estou usando termos simplificados e generalizados para ilustrar como eu me sentia naquela época diante do LD e dos poucos livros literários a que tive acesso durante o ensino fundamental.

Ao longo da vida acadêmica, fui percebendo minha inclinação para os estudos dos elementos implícitos constituintes dos múltiplos sentidos que um texto pode ter e as disciplinas história da língua portuguesa, semântica e pragmática, além da minha experiência enquanto docente e utilizador do objeto de estudo aqui analisado, são extremamente responsáveis pela temática enveredada ao longo desse trabalho.

O texto tem ganhado cada vez mais espaço na sala de aula, seja para leitura individual, coletiva, atividades de interpretação, de reescrita, mas ainda é muito pouco visto como objeto de análise linguística, de exploração, atividade não realizada por diversos fatores, como necessidade de cumprimento integral do conteúdo e de outras atividades extra-aula, maior ênfase às aulas de gramática metalinguística, confecção de produção textual a fim, unicamente, de detectar desvios caligráficos e ortográficos, falta de conhecimento científico acerca dos fenômenos linguísticos existentes na maioria dos textos presentes nos LD's em vigor. Em suma, é necessário sair da zona de conforto, estudar mais sobre o assunto a ser lecionado, levar o aluno a descobrir o quanto ele pode ler/dizer através da boa leitura/escrita de um texto, e isso só será possível quando o professor perceber que “privilegiar o estudo do texto na sala de aula é aceitar o desafio do convívio com a instabilidade, com um horizonte de possibilidades”, como bem nos coloca Geraldi (1997).

Não queremos aqui condenar quem trabalha com frases soltas ou utiliza o texto como pretexto para fins de aprender as classes gramaticais, mas queremos mostrar que o texto em sala de aula, quando bem explorado, facilita, inclusive, os estudos gramaticais

metalinguísticos e é nessa abordagem epilinguística da gramática a partir do texto que perceberemos que uma palavra pode mudar de classe, tem um significado já contido em sua estrutura e pode assumir mais de um sentido, fenômeno linguístico que pode ter diversas nomenclaturas, entre elas, ambiguidade.

Quando se tem conhecimento acerca do que vem a ser a ambiguidade e se vai além do popular “palavra ou expressão que tem mais de um sentido”, o texto se torna uma ferramenta poderosa para a compreensão e produção textual em sala de aula. Nos gêneros textuais em que a linguagem coloquial predomina, principalmente nos pertencentes à esfera humorística, há uma grande utilização da ambiguidade, seja como elemento coadjuvante ou principal na constituição do humor.

Aqui será mostrado como foi feita a investigação da coleção de livros didáticos a fim de mostrar se o autor explora recursos essenciais (no caso, a ambiguidade) na construção de um gênero humorístico, pois, queremos com isso, incentivar atuais e futuros docentes a analisarem de forma reflexiva o texto utilizado na aula e na construção de quesitos.

De posse dessas informações – que há recorrente ambiguidade na construção de textos humorísticos e que há uma grande quantidade deles nos LD’s da coleção aqui analisada, decidimos enveredar pelos caminhos da ambiguidade em gêneros humorísticos multimodais – os que fazem uso da linguagem verbal e não verbal de maneira harmoniosa – e escolhemos a tirinha pelo fato de haver o uso constante desse gênero nas atividades presentes em tais livros.

Este trabalho mostra que, apesar de haver ambiguidade na construção do sentido e do humor de uma tirinha, este gênero, quando escolhido pelo autor para estar presente em uma atividade, não contempla tal fenômeno e, quando contempla, dificilmente este é trabalhado nas questões que dizem respeito ao texto humorístico em questão. Mais do que apenas apresentar deficiências no que diz respeito à má exploração da ambiguidade nas tirinhas presentes no LD, queremos aqui levar o leitor a perceber que não faz mal nenhum usar a tirinha para retirar palavras e classificá-las, mas que se pode explorar o texto como um todo, além de perceber que a tirinha é fonte de estudo de diversos fenômenos linguísticos e que a ambiguidade é uma das mais presentes e mais mal aproveitadas.

Iniciamos nosso trabalho definindo texto, gênero e domínio discursivo, mostrando que, apesar de terem conceitos distintos, essas três modalidades relativas aos signos verbal e não verbal não são independentes, podendo uma ser parte integrante da outra sem haver interferência em como são classificadas. Encontramos em Koch (2009), Koch e Elias (2004) e Marcuschi (2008) os primeiros referenciais para a constituição do que iremos discorrer ao longo das próximas páginas, desfazendo, inicialmente, a dicotomia Tipo Textual x Gênero

Textual. Marcuschi (2008, p. 156), mostrando que podemos encontrar mais de um tipo textual dentro de um único gênero, exemplifica com uma carta que nela “predominam descrições e exposições, o que é muito comum para o gênero”. Também é discutido que nos gêneros textuais é possível encontrar mais de uma tipologia textual e ambos, dependendo do suporte em que se encontram, ainda se encaixam em uma esfera maior de conhecimentos, chamada por ele de Domínio Discursivo, mostrando que tipos e gêneros textuais estão presentes em mais de uma esfera.

Continuamos nossos estudos partindo para o domínio do humor enquanto gênero presente em nosso cotidiano através de diversos suportes, mas dando uma concepção inicial de como se caracteriza o humor, mostrando que não rir de um texto humorístico não significa não tê-lo entendido. A partir daí, temos Raskin (1985), Koestler (apud PINKER, 1998) e Possenti (1998) como embasamento para discorrermos acerca da constituição do humor e os elementos constituintes desse domínio que abrange tantos gêneros textuais. É feita uma mostra dos gêneros textuais presentes na esfera humorística e, dentre os gêneros de humor presentes no objeto de estudo ora analisado, há a eleição dos gêneros que são multimodais - cartum, charge, história em quadrinhos e tirinha, existindo ainda um recorte maior para o gênero "tirinha", por sua maior ocorrência dentro dos livros da coleção.

Seguindo com nosso corpus de análise, a tirinha é apresentada como um gênero derivado de outro - história em quadrinhos. Falamos da sua história, de suas funções principais, os caminhos que a levaram até o LD e as principais características referentes ao signo verbal e/ou não verbal presente na construção de seu significado, chamando atenção para um fenômeno semântico recorrente: a ambiguidade.

No segundo capítulo do trabalho, é apresentada a coleção de LD's “Português Linguagens”, que serviu como objeto de análise, a fim de deixar o leitor a par do material utilizado na maioria das escolas privadas de nossa cidade e mostrar a constituição desses livros, principalmente no que diz respeito a como os autores abordam os gêneros humorísticos multimodais, em especial, a tirinha, parte integrante do nosso corpus de análise.

Ainda no capítulo 2, são apresentados gráficos que deixam clara a grande ocorrência do gênero tirinha em relação aos outros gêneros multimodais de humor encontrados na coleção. Em seguida, outros gráficos indicam a porcentagem de tirinhas que possuem ambiguidade e as que recorrem a outros recursos linguísticos como gatilho do humor e, por fim, gráficos que mostram se a ambiguidade presente na tirinha dentro da atividade é explorada ou não na(s) questão(ões) a que fazem referência.

O capítulo 3 traz as atividades escolhidas para constituírem nosso corpus de análise. Inicialmente apresentamos a atividade, mostramos como o autor aborda sua temática geral ou o(s) texto(s) base para resolução de questões, em sua maioria, subjetivas. Feito isso, comentamos uma a uma as questões constituintes das atividades observadas, dando ênfase à(s) questão(ões) referentes à tirinha presente no exercício. Foram escolhidas oito atividades aleatórias contidas na coleção *Português Linguagens* e, das oito, quatro contêm tirinhas cuja ambiguidade presente é explorada pelos autores e quatro contêm tirinhas cuja ambiguidade presente não é explorada pelos autores dos livros.

Ao término, damos ênfase em como a análise das atividades pode contribuir para que o leitor, seja ele graduando ou docente, possa utilizar a tirinha para explorar os recursos sintáticos, semânticos (análise aprofundada aqui) e pragmáticos existentes nela, não perdendo a oportunidade de deixar um texto tão rico passar despercebido enquanto gênero de fácil acesso, dada a sua grande recorrência nos LD's utilizados em nossas escolas.

1. CONCEPÇÃO DE TEXTO, GÊNERO, SUPORTE E DOMÍNIO

Quando se pensa em uma definição de texto, provavelmente a primeira ideia que se tem é de um montante de frases que, juntas, possuem um sentido em um determinado contexto, ou seja, algo que foi escrito, construído com palavras. Ainda que esse seja o conceito do que venha a ser uma produção textual – utilizando apenas a linguagem verbal –, não demora muito para que se chegue a uma breve reflexão – e antes da linguagem verbal, como eram os textos? E, assim como rápida vem a indagação, também vem um esclarecimento que retoma alguns ensinamentos básicos – a utilização de desenhos para que houvesse comunicação, ou seja, o uso da linguagem não verbal.

Por mais que esse fato passe despercebido pela maioria dos usuários da língua, o texto está presente no nosso cotidiano, com as mais diversas finalidades, sendo a comunicação uma das principais. Definir-lo não tem sido uma tarefa fácil, principalmente em razão dos mais diversos estudos e visões teóricas que se têm acerca da concepção do que seja uma construção textual.

É certo que, segundo Koch e Elias (2009), “todo texto é resultado de uma coprodução entre interlocutores”, portanto, não pode ser chamada de texto aquela produção que é realizada e não chega ao locutário da forma que foi idealizada ou imaginada pelo locutor, ainda que grande parte dos textos permita mais de uma interpretação.

Elucidando ainda mais a concepção do que venha a ser considerado texto, Koch e Travaglia (1992) afirmam que ele

“é uma unidade linguística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente de sua extensão.” (KOCH & TRAVAGLIA, 1992:08-09)

Partindo dessa perspectiva, o texto passa a ter sentido quando alguns fatores são levados em consideração: a produção textual chega ao locutário de forma que este se aproprie de maneira correta do que foi produzido; o locutário consegue compreender ao menos uma das intenções (se houver mais de uma) que o locutor teve ao construir tal produção; o contexto cultural e social em que esse tipo de comunicação se estabelece.

Para que haja uma maior compreensão das intenções que estão explícitas e implícitas em uma construção textual, faz-se necessário ter a mínima noção de que existem diferentes formas de se produzirem textos e de que cada uma delas envolve meios de produção

específicos, pois leva-se em consideração os mais diversos públicos que serão atingidos. A partir dessas ideias básicas de que existem diferentes tipos de textos, concebe-se que, dentro de cada tipo há, também, distintos gêneros textuais e suas características específicas.

Necessário se faz saber que não apenas a linguagem verbal e os interlocutores são os únicos constituintes de um ato comunicacional, mas que, além de desenhos, cores, símbolos, códigos, todo o contexto social, histórico, toda a performance – no que diz respeito ao gestual, ao olhar, à postura, todos esses elementos não-verbais também são essenciais no fazer comunicacional. Ainda sobre a importância da performance corporal ao se comunicar, Zumthor (2007) nos diz que ela “modifica o conhecimento. Ela não é simplesmente um meio de comunicação: comunicando ela o marca”, ou seja, o corpo também acaba fazendo parte do texto não verbal.

Ainda que se saiba o que é um texto, quando alguém se propõe a produzir um ou tenta categorizar o que foi produzido, surgem alguns questionamentos de como fazê-lo, principalmente no que diz respeito ao que seja tipo textual e/ou gênero textual. Sabendo dessas dificuldades, faz-se necessário que haja uma explanação a fim de elucidarmos não apenas as diferenças, mas as funções e os elementos constituintes de suas estruturas.

1.1 Tipo x Gênero Textual

O ato comunicativo se estabelece de forma verbal, através da escrita, da oralidade e não verbal, através de gestos, imagens, sons. Iremos, a partir daqui, tomar a linguagem verbal como uma das formas de realização da língua dentro de um enquadramento constituído linguisticamente por situações e objetivos bem particulares.

Para iniciarmos, traremos logo alguns esclarecimentos oportunos para desfazer algumas concepções puramente intuitivas de que tipo textual mantém uma relação dicotômica com o gênero textual, ou que um é o oposto do outro, uma vez que não são indiferentes um ao outro, mas, sim, segundo Marcuschi (2008), “são formas constitutivas do texto em funcionamento.”.

A definição de tipos textuais mostra-se clara quando Marcuschi (2000) diz que eles nada mais são do que “construtos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas” (MARCUSCHI, 2000, p. 23), ou seja, são tipos reguladores do modo de escrever, composto

por aspectos sintáticos, lexicais, tempos e modos verbais específicos, assim como estilo, caracterizando-se como sequências retóricas. Não existem muitas variedades de tipos textuais,

“em geral, (...) abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. O conjunto de categorias para designar tipos textuais é limitado e sem tendência a aumentar.”.

Sobre os gêneros textuais, podemos dizer que essas noções não são recentes e, segundo Marcuschi (2008), remontam à época de Platão e de Aristóteles.

Muito mais que caracterizar as diferentes construções textuais, o avanço dos estudos nessa área mostrou que os gêneros textuais caracterizam funções, determinados propósitos que servirão para atingir objetivos específicos. Diante do exposto, Bhatia (1997, p.629) frisa:

“Esse aspecto tático da construção do gênero, sua interpretação e uso é provavelmente um dos fatores mais relevantes para dar conta de sua popularidade atual no campo dos estudos do discurso e da comunicação.” (apud MARCUSCHI, 2008: 150).

Ainda que os estudos sobre as mais diversas noções de gênero tenham avançado nos últimos tempos, há muito o que se descobrir, pois, como dito anteriormente, um gênero pode ser constituído de dois ou mais tipos textuais, pois serão esses modos de escrever os responsáveis por dar forma à intenção que se terá ao fazê-lo e é exatamente essa intenção, essa “prática comunicativa” (KOCH e ELIAS, 2009) que terá, na maioria dos exemplos que serão dados aqui em breve, uma distinção bem acentuada.

Vale ressaltar que, segundo Bakhtin, há gêneros primários e secundários. Koch e Elias (2009) nos esclarecem ainda que

“enquanto os primeiros (diálogo, carta, situações de interação face a face) são constituídos em situações de comunicação ligadas a esferas sociais cotidianas de relação humana, os segundos são relacionados a outras esferas, públicas e mais complexas, se interação social. Estes se formam a partir dos gêneros primários, absorvendo-os e transmutando-os, e apresentam-se frequentemente de forma escrita.”.

Os textos, em seus tipos e mais diversos gêneros não são adequados em todas as situações e contextos. Uma vez que gêneros são textos reais (grifo meu) que circulam na sociedade de forma oral e/ou escrita, há algo um pouco além do concreto em que são constituídos, pois há, acima disso, uma esfera de conhecimento, no sentido bakhtiniano do termo (MARCUSCHI, 2008), de temas que permitirão a esses gêneros serem adequados e compreendidos. A essa prática, chamaremos de “Domínio Discursivo”.

Entendendo que, se houvesse uma escala de dependência, seria possível dizer que o gênero textual é dependente do domínio discursivo, que, por sua vez, é dependente do texto,

pois, como afirma Marcuschi (2008), “os textos situam-se em domínios discursivos que produzem contextos e situações para as práticas sociodiscursivas características”. Vale aqui pontuarmos novamente que, ao imaginarmos essa “escala de dependência”, não significa que damos mais ou menos importância a cada um dos elementos constituintes de tal conjunto, uma vez que todos “são aspectos constitutivos do funcionamento da língua” (MARCUSCHI, 2008).

No que diz respeito ao meio de circulação dos gêneros escritos e orais, eles só se materializam em um lugar também adequado à sua funcionalidade, seja este lugar físico ou não. Um mesmo texto escrito pode mudar de gênero, uma vez que muda de suporte. Tomemos como exemplo a seguinte construção:

Tchutchu,
eu te perdoo.
Volta pra mim.
Te amo.

Esse texto poderia ser um bilhete, se fosse enviado junto a um buquê de flores, ou um *sms*, se tivesse sido enviado por aparelho celular, ou, ainda, uma mensagem de voz, se tivesse sido enviada por *whatsapp*. Não incomum, poderia ser veiculado em um jornal, um outdoor, um cartaz etc. Percebe-se que o texto continua sendo o mesmo, o que muda é o local que este utiliza para chegar ao seu interlocutor (papel pequeno, mensagem virtual escrita, mensagem de voz, placa de grande alcance visual, meio de comunicação impresso de grande circulação) e é a cada um destes locais que chamaremos de suporte.

Fazendo-nos uma breve explanação do que vem a ser essa base para o texto, Marcuschi (2008), compreende que suporte “é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto.”.

Uma vez definida a diferença entre o que seja tipo textual, gênero textual, tendo uma concepção embasada do que vem a ser domínio discursivo, focaremos a seguir nos gêneros textuais e seus respectivos suportes, levando em consideração o domínio ao qual pertence cada um.

Em “Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão. Parábola, 2008”, Marcuschi nos apresenta uma tabela em que faz a distribuição de gêneros escritos e orais em seus respectivos domínios discursivos e modalidades, frisando que não é uma relação “definitiva nem representativa”. Aqui apresentamos um resumo dessa tabela para que

possamos ter noção de como seu autor enquadra alguns gêneros nas várias esferas de conhecimento. O quadro completo encontra-se nos anexos deste trabalho.

GÊNEROS TEXTUAIS POR DOMÍNIOS DISCURSIVOS E MODALIDADES³

DOMÍNIOS DISCURSIVOS	MODALIDADES DE USO DA LÍNGUA	
	ESCRITA	ORALIDADE
Instrucional (científico e educacional)	Artigos científicos; verbetes de enciclopédias; relatórios científicos; teses; dissertações; monografias etc.	Conferências; debates; discussões; exposições; aulas participativas etc.
Jornalístico	Editoriais; notícias; reportagens; artigos de opinião; comentário etc.	Entrevista jornalística; notícias de tv etc.
Religioso	Orações; rezas; catecismo; homilias etc.	Sermões; confissão; rezas etc.
Saúde	Receita médica; bula de remédio; parecer médico; receitas caseiras etc.	Consulta; entrevista médica; conselho médico
Comercial	Rótulo; nota de venda; fatura; nota de compra; classificados; publicidade etc.	Publicidade de tv; publicidade de rádio; refrão de feira etc.
Industrial	Instruções de montagem; descrição de obras; código de obras; avisos etc.	Ordens
Jurídico	Contratos; leis; regimentos; certidão de batismo; certidão de casamento etc.	Tomada de depoimento; arguição; declarações etc.
Publicitário	Propagandas; publicidades; anúncios; cartazes; folhetos; logomarcas etc.	Publicidade na TV; publicidade no rádio.
Lazer	Piadas; jogos; adivinhas; histórias em quadrinhos; palavras cruzadas etc.	Fofocas; piadas; adivinhas; jogos teatrais.
Interpessoal	Cartas pessoais; cartas do leitor etc.	Recados; telefonemas etc.
Militar	Ordem do dia; roteiro de cerimônia oficial; roteiro de formatura etc.	Ordem do dia
Ficcional	Épica; lírica; dramática; poemas etc.	Fábulas; contos; lendas etc.
Humorístico	Cartum, charge, tirinha, piada, etc.	Piada, stand-up, teatro etc.

Fonte: MARCUSCHI, L. A. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008. Págs 194 a 196.

É perceptível ver no quadro que o domínio discursivo, essa esfera maior de “superordenação comunicativa” (MARCUSCHI, 2008) engloba os mais diversos gêneros, sendo possível até percebê-los como atuantes em mais de um domínio, como é o caso do gênero “piada”, existente no “domínio do lazer” e no “domínio humorístico”. E é justamente este último e seus respectivos gêneros que nos interessam no presente trabalho.

1.2 Gêneros do Humor

Antes de darmos profundidade aos gêneros de caráter humorístico, será feita uma explanação abreviada do objeto de estudo ‘humor’.

Cognitivo sensorial, sócio-behaviorista e psicanalítica são três classes de humor baseadas na psicologia, como apresenta Raskin (1985). A primeira está relacionada à incongruência ou contradição, a segunda à depreciação e a terceira ao trabalho com relaxamento.

Essa falta de concordância de ideias ou de harmonia ao desenvolver os fatos ou, ainda, a existência de um elemento/comportamento não esperado pelo leitor é exatamente o que vai provocar o humor. Segundo Koestler (*apud* PINKER, 1998), “o humor começa com uma linha de pensamento em um referencial que se choca com uma anomalia” (p. 575).

Há um fato bastante interessante quando se pensa em temas que levem à construção de diferentes gêneros. Estamos rodeados de acontecimentos históricos e sociais o tempo todo, ou seja, se buscarmos inspiração para produzir uma crônica, por exemplo, basta narrar episódios corriqueiros, ou, para escrever uma notícia, deve-se ir atrás dos detalhes para dar maior veracidade ao texto e à sua função de informar. Porém, podemos dizer que, para produzir gêneros humorísticos, basta saber como fazê-lo, pois a fonte de inspiração é inesgotável.

Os elementos que levam alguém a encontrar humor nos mais diversos tipos de acontecimentos não são possíveis de elencar, pois rir de algo é tão subjetivo que é possível dizer quase com certeza que alguém encontrará graça em algum gênero produzido com esta finalidade, mesmo que seu tema seja a mais terrível das tragédias.

Por mais que nos esforcemos para rir ou entender determinado gênero humorístico, nem sempre isso será possível, pois é necessário levar em consideração diversos fatores, como o tema, o contexto, o estilo do autor etc. É imaginável também que a não compreensão de tal

gênero, principalmente os mais curtos, como a piada, deva-se à sua má elaboração, pois “as técnicas humorísticas fundamentais consistem em permitir a descoberta de outro sentido, de preferência inesperado, frequentemente distante daquele que é expresso em primeiro plano e que, até o desfecho da piada, parece ser o único possível.” (POSSENTI, 2010).

O romper de uma linha de raciocínio deve ser feito de forma magistral no texto de humor, porque, se não bem construído ou perdido o momento de liberação da surpresa (punch line), há a desconstrução (quase que) total da função do gênero.

Muitas das vezes um recurso linguístico pode ser o gatilho que faz passar de um *script* a outro, como, por exemplo, os múltiplos sentidos de uma palavra ou expressão. A ambiguidade, a homonímia, a polissemia são fatores que, se bem utilizados, desencadeiam humor dos mais diferentes níveis ao se perceber a intenção do uso daquele recurso naquele texto ou “talvez se ria da própria língua, não porque ela não teria as virtudes que se suporia que deveria ter, mas porque nos propicia agradáveis coincidências e descobertas” (POSSENTI, 1998, p.90).

A seguir, apresentaremos uma lista contendo uma breve conceituação acerca dos gêneros humorísticos a fim de termos um panorama geral das produções textuais já existentes com a finalidade de provocar humor no interlocutor.

GÊNEROS HUMORÍSTICOS

- ✓ Adivinhação – Pequeno texto lido, contado ou ouvido em que o locutor apresenta um enigma cuja resposta levará o interlocutor ao riso quando entender a real função desse gênero.
- ✓ Anedota – Pequeno texto lido, contado ou ouvido que provoca riso. Traz temas mais ligados ao cotidiano e geralmente apresenta duplo sentido em sua construção. Utiliza-se basicamente da linguagem informal por ser um gênero predominantemente oral.
- ✓ Cartum – Gênero construído geralmente com linguagem verbal e/ou não verbal. Tem como função principal provocar humor, usando de temas cotidianos.
- ✓ Charge – Gênero construído geralmente com linguagem verbal e/ou não verbal. Tem como função principal provocar humor, fazendo críticas em cima de temas como política, meio-ambiente, corrupção, saúde, educação etc.
- ✓ Conto – Texto narrativo lido, contado ou ouvido. Pode ter fatos cotidianos como principal tema, cujo humor será provocado com a utilização de recursos linguísticos

adequados para esse fim. Nele também pode haver fatos cômicos, surpreendentes e, nesse caso, o próprio acontecimento gerará o riso no interlocutor. A linguagem utilizada é mais formal, porém há traços de subjetividade e linguagem figurada e poética.

- ✓ Cordel – Texto poético em verso, lido, contado ou ouvido. Utiliza-se dos mais diversos temas a fim de provocar humor em seus mais diferentes níveis. Caracteriza-se pela linguagem informal e cheia de expressões regionais.
- ✓ Crônica – Texto narrativo lido, contado ou ouvido. Tem fatos corriqueiros do cotidiano como principal tema, cujo humor será provocado com a utilização de recursos linguísticos adequados para esse fim. Também pode ser sobre fatos cômicos, surpreendentes e, nesse caso, o próprio acontecimento gerará o riso no interlocutor.
- ✓ Entrevista – Esse gênero torna-se humorístico a partir da inserção de elementos surpresa na elaboração das perguntas ao entrevistado, podendo utilizar-se de ambiguidade, sinonímia, antonímia e/ou estando o humor (também) na performance do entrevistador, na desconstrução de sua voz, no tema tratado.
- ✓ Filme – O humor pode estar na performance do ator, na desconstrução de sua voz, no tema tratado, na construção do texto, no contexto em que o filme está sendo exibido, tratando dos mais diversos temas (o gênero fílmico aqui engloba, além do longa e curta-metragem outros subgêneros, como série, minissérie, documentário).
- ✓ História em quadrinhos (HQs) – Gênero construído geralmente com linguagem verbal e/ou não verbal. A história é apresentada em mais de uma tira de quadrinhos, podendo ou não ser finalizada inicialmente. O autor pode utilizar desse gênero para provocar humor fazendo uso dos mais diversos temas.
- ✓ Letra de música – A construção desse gênero funde alguns citados anteriormente, como poema e cordel, mas há elementos da piada e, principalmente, da anedota, quando a maioria das músicas humorísticas utiliza-se da ambiguidade para provocar humor.
- ✓ Piada – Pequeno texto lido, contado ou ouvido que provoca riso. Geralmente tem como tema a ridicularização do negro, do gay, da sogra, do português, do gaúcho, da loira. Utiliza-se basicamente da linguagem informal por ser um gênero predominantemente oral.
- ✓ Poema – Texto poético em prosa ou verso, lido, contado ou ouvido. Utiliza-se dos mais diversos temas e recursos linguísticos a fim de provocar humor em seus mais

diferentes níveis, fazendo uso de figuras de linguagem, polissemia, homonímia, entre outros recursos semânticos.

- ✓ Teatro – O humor pode estar na performance do ator, na desconstrução de sua voz, no tema tratado, na construção do texto, no contexto em que o filme está sendo exibido, tratando dos mais diversos temas. Pode estar na peça grupal, no musical, no monólogo, no stand-up.
- ✓ Tirinha – Gênero construído geralmente com linguagem verbal e/ou não verbal. Geralmente é apresentado em três quadrinhos, constituindo uma estória com início, meio e fim. O autor pode utilizar desse gênero para provocar humor fazendo uso dos mais diversos temas.

Após essa pequena explanação dos mais diversos gêneros provocadores de humor, uma breve conceituação e algumas características de cada um, faremos um recorte e nos aprofundaremos em quatro deles: Charge, Cartum, HQ's, e Tirinha. Esses gêneros serão encontrados no corpus de análise que será mostrado nos capítulos subsequentes.

Tendo personagens caricaturados na sua grande maioria, a **charge** já faz sua crítica inicial quando satiriza não apenas a situação, mas a(s) própria(s) personagem(ns) envolvida(s) na construção de tal gênero. É possível também caracterizar esse gênero de acordo com o *Dicionário de Comunicação*, que define a charge como “um cartum cujo objetivo é a crítica humorística imediata de um fato ou acontecimento específico, em geral de natureza política” (BARBOSA e RABAÇA, 2001). A origem do nome ‘charge’ provém do francês e significa “carga”, ou seja, é uma construção carregada de exageros verbais e/ou não verbais, a fim de satirizar ao máximo alguém ou determinado fato.

Na maioria das vezes, o **cartum** apresenta-se como um gênero que expõe as condições humanas a fim de levar a uma reflexão, a uma discussão acerca de nossos comportamentos. O nome ‘cartum’ tem origem no inglês *cartoon*, que se origina do italiano *cartone* (cartão). É um desenho geralmente feito em um único quadro, sendo cômico e universal. “Muitas vezes se caracteriza por uma anedota gráfica e nele é possível visualizar a presença de linguagem verbal associada à não verbal” (SARMENTO, 2006, p.43, 45) e não tem muito a intenção de criticar, finalidade principal do gênero “charge”.

Construído basicamente com quadros, linguagem não verbal e verbal, o gênero **história em quadrinhos** utiliza-se de recursos muito mais visuais do que textuais. As falas das personagens aparecem dentro de balões, cujo formato indicará se o texto indica fala em entonação comum, alterada para volume alto (exaltação) ou baixo (sussurro), pensamento,

transmissão radiofônica, além de recorrer a elementos também não verbais que indicarão se uma ou mais personagens estarão emitindo uma mesma mensagem. Nos balões também poderão ser usados elementos gráficos selecionados com um determinado sentido, como, por exemplo, apenas sinais de pontuação para indicar muita surpresa (!!!!) ou muita dúvida (????), sinais gráficos aleatórios para indicar algo que não pode ser lido, apenas imaginado pelo leitor – palavrões, por exemplo (%#&!), além de desenhos, para indicar no que a personagem está pensando, segundo Eguti (2001). Há uma sequência lógica de leitura, geralmente feita da esquerda para a direita e de cima para baixo. Quando isso não ocorre, o leitor vai encontrando outras formas de fluir a leitura, pois “há uma seleção dos quadros a serem sequenciados, o que demanda um trabalho cognitivo maior por parte do leitor”, como dizem Dionísio, Bezerra e Machado (2002).

Com as mesmas características das histórias em quadrinhos, a **tirinha** é um gênero que traz a possibilidade de uma leitura fluida, simples, rápida e objetiva, pois utiliza-se de apenas uma tira de quadrinhos para construir uma narrativa que trará como funções o humor, a reflexão, a crítica ao comportamento humano, aos descaso dos parlamentares, à situação econômica, entre outras finalidades.

A coleção de LD's aqui analisada contém outros gêneros humorísticos, como piada, anedota, adivinha, porém houve uma seleção dos quatro gêneros acima porque preferimos perceber como se dava a exploração de gêneros humorísticos constituídos de linguagem mista e/ou não verbal. Dentre os quatro gêneros apresentados, houve a eleição da tirinha como corpus de análise, dada sua importância enquanto gênero multimodal favorável para práticas de leitura e análise linguística, além da sua grande recorrência em relação aos demais gêneros humorísticos presentes em cada um dos livros apreciados.

1.3 Gênero Tirinha

Falar da origem desse gênero tão conhecido seria impossível sem falar brevemente dos primórdios das Histórias em Quadrinhos. Segundo José Lovetro (2011), as HQ's surgem a partir do século XIX, quando desenhistas esboçam suas primeiras histórias já com os traços característicos dos quadrinhos, sendo o suíço Rudolphe Töpffer, ao criar o romance *Les*

Amours de Monsieur Vieux Bois impresso em estampas, um dos pioneiros desse estilo de desenho (LOVETRO, 2011, p.11).

Tempos depois, seriam publicadas as primeiras historinhas de *Yellow Kid*, um garoto com traços orientais, careca, cujas falas vinham escritas em sua grande e larga roupa – o que a maioria dos estudiosos do gênero crê ser a primeira manifestação do “balão de fala”. Apesar de o romance de Töpffer ter sido lançado em 1827, muitos consideram “*The Yellow Kid*”, lançado em 1896, a primeira publicação em quadrinhos pelo fato de ser um compêndio de várias tiras em uma única publicação, por ter sido lançada em revista e pelo uso do termo “*comic book*” (livro cômico, em tradução literal). As tirinhas de *Yellow Kid* eram publicadas no jornal “*New York World*” e tinham a intenção de satirizar o comportamento consumista, sendo representado por habitantes dos guetos de Nova York que faziam coisas erradas.

Categorizada inicialmente como gênero que satirizava e criticava, outros temas passaram a fazer parte da tirinha, como reflexão sobre o comportamento humano, situações cotidianas incomuns e engraçadas, levando a tirinha a ganhar espaço em jornais também por ser um texto fácil e rápido de ser lido, com uma linguagem acessível. De acordo com Mendonça (2005) existe uma subdivisão de tirinhas em fechadas e sequenciais. As fechadas seriam as narrativas em que o episódio tem início e fim numa mesma tira, enquanto as sequenciais seriam narrativas maiores que, mesmo tendo sentido completo, dão margem a uma continuidade. Aos poucos os periodistas foram percebendo que a historinha presente nas suas publicações acabou por atrair mais e mais leitores e, uma vez de posse da informação dessa nova motivação para a aquisição de seus periódicos, foi solicitado que as historinhas presentes na tira continuassem a fazer sentido, mas agora havendo uma continuidade delas nas edições seguintes das publicações.

Como dito anteriormente neste trabalho, a tirinha é um gênero que surge dos quadrinhos, fenômeno perfeitamente possível de acontecer, como diz Marcuschi (2005), ao afirmar que novos gêneros são ancorados em gêneros pré-existentes. Por ser originada das HQ's, a tirinha não fica deslocada quando volta a pertencer a elas, o que acontece quando autores propõem-se a compilá-las em uma única publicação, saindo, assim, de seu habitual suporte, que era o jornal, para revistas e livros, fator que mostra “a autonomia, cada vez maior, desse gênero [...] em relação aos suportes midiáticos” (Mendonça, 2005, p.200) em que surgiram e ganharam notoriedade. Com o passar do tempo, a tirinha vai ganhando espaço em outros suportes, como a internet e o LD.

No LD, ela começa a dar as caras a partir dos anos 1970, quando começam a surgir novas concepções de texto, advindas da linguística estrutural. Inicialmente o fato foi bem

criticado por alguns autores que ainda não concebiam imagens e gêneros constituídos de linguagem não verbal ou mista enquanto texto, afirmando que a recorrência desse recurso afetaria a capacidade de leitura e deixaria os alunos, além de mimados, incapazes de exprimirem-se sem o auxílio da imagem (OSMAN LINS, 1976 apud BELMIRO, 2000).

Com o passar do tempo, foi-se percebendo que as ilustrações e os textos não verbais, vistos apenas como desenhos sem maiores propósitos, eram uma ferramenta necessária para que o aluno pudesse desenvolver mais ainda a sua capacidade de leitura de mundo, visto que estamos rodeados de mensagens em seus mais diversos suportes e finalidades. Tanto que, nos anos 1990, “aspectos visuais” passa a ser um dos critérios de avaliação de LD’s adotado pelo MEC, mostrando que a imagem, então, se solidifica como texto não verbal, fato corroborado por Belmiro (2000), quando diz que “aprender a ler imagens humaniza o homem, a alfabetização pela imagem é um meio de construir cidadania.”.

A tirinha possui uma linguagem simples e uma mensagem rápida e direta. A maioria delas é constituída por linguagem mista, sendo as linguagens verbal e não verbal (encontrada por meio da expressão facial, cenário onde a história se passa, elementos que indicarão se a personagem está feliz, surpresa, nervosa, correndo etc.) complemento uma da outra, constituindo uma curta narrativa em que haverá uma quebra de expectativa do leitor.

Possivelmente se encontrará na linguagem verbal presente na tirinha, muitos fenômenos semânticos que serão os responsáveis por essa ruptura de raciocínio, como sinonímia, antonímia, hiponímia, além da ambiguidade, recurso de uso recorrente por compreender grande parte dos elementos responsáveis por confundir o leitor, despertando o riso, seja por causa da construção frasal (ambiguidade estrutural ou de escopo), seja pelos sentidos possíveis de uma palavra presente no discurso (ambiguidade lexical). De todos os aspectos da linguagem, a ambiguidade como fenômeno semântico recorrente no gênero tirinha e, por isso, trazemos como exemplo uma tira de Armandinho, personagem de Alexandre Beck:



Fonte: <http://bit.ly/ArmandinhoVida>

É possível perceber na tirinha que a ambiguidade presente na construção dos enunciados proferidos por Armandinho nos dois primeiros quadrinhos da tira leva seu pai e seu sapo de estimação a uma reação incomum por se tratarem de eufemismos referentes à morte e ao suicídio, respectivamente. O fato de “não ver o sol nascer” foi compreendido pelos interlocutores como “não abrirei os olhos porque estarei morto” e “estou muito cansado” como “não aguento mais viver assim”. O humor da tira consiste justamente no fato de o menino ter dito as duas primeiras orações em sentido denotativo, em que “não ver” não seria algo definitivo, mas apenas o ato de “não estar acordado para ver o fenômeno natural que acontece bem cedo”, assim como “cansado” não significa “estar sem esperanças”, mas apenas estar “esgotado fisicamente”, o que é confirmado por sua fala no último quadrinho da tira e pela reação do sapo.

Sobre a ambiguidade, faremos uma breve explanação sobre sua constituição a fim de clarear ainda mais os conhecimentos acerca desse recurso tão utilizado na tirinha, assim como em outros gêneros humorísticos.

1.4 Recurso da Ambiguidade na Tirinha

Desde que o ser humano começa a manter seus primeiros contatos com a língua materna, vai compreendendo os sentidos que são atribuídos a cada palavra, a cada junção de palavras com a finalidade de manter uma comunicação mais complexa e, ao passo em que sua mente vai evoluindo (cronológica e/ou cognitivamente), o falante vai percebendo que os sentidos de palavras e estruturas frasais não são fixos, são movediços (ILARI e GERALDI, 2004).

Sendo o léxico da língua portuguesa constituído de quase 400.000 verbetes, não parece ser tão difícil conseguir encontrar mais de um sentido em uma ou outra palavra, até porque o sentido atribuído a um termo não depende somente daquele termo, mas de como (entonação), onde (lugar físico ou ideológico) ele é proferido, a maneira que é encaixado em uma construção maior, o contexto histórico/social em que é formulado, sem falar que, ao produzirmos determinado tipo de discurso, temos uma intenção, que nem sempre será recebida por nosso interlocutor da maneira adequada. Essa diversidade de situações

envolvendo os múltiplos sentidos do que é o que passou a ser conhecido como “fenômeno linguístico” e um deles é a ambiguidade.

Trazer uma definição do que seja ambiguidade pode parecer muito superficial quando dizemos que é o fato de uma pessoa poder fazer mais de uma interpretação ao ouvir/ler uma palavra ou sentença, mas seria muito complexo, se buscássemos entender todos os acontecimentos externos e internos àquela fala, bem como ao falante, que culminassem nesse fenômeno linguístico constituído de múltiplos sentidos. Devido a isso, vamos seguir o exemplo de Ilari e Geraldi, que mostram no livro “Semântica” (2004) construções com sentidos ambíguos e fazem a análise, mostrando a que se deve a ambiguidade ali presente.

Tomemos inicialmente como exemplo a frase “Pedro pediu a José para sair.” e percebamos que mais de uma interpretação pode ser atribuída a ela, uma vez que o verbo no “infinitivo *sair* não tem sujeito explícito e pode ser referido tanto a Pedro quanto a José” (ILARI e GERALDI, 2004, p. 57), podendo ser entendida como “Pedro queria sair e pediu a José.” ou “Pedro pediu que José saísse.”. Como a dupla compreensão é causada devido a uma construção sintática, esse caso é chamado de ambiguidade estrutural.

Na oração “O cadáver foi encontrado perto do banco”, o elemento que causa duas leituras distintas é a palavra ‘banco’, uma vez que essa palavra pode ter o sentido de assento ou de agência bancária. Pelo fato de a ambiguidade ser causada devido aos dois sentidos atribuídos a “banco”, esse caso é chamado de ambiguidade lexical.

Os autores ainda dizem que pode haver a combinação das duas ambiguidades dentro de uma mesma construção, como em “Uma louca leva o guarda”, que pode ser compreendida como “Uma pessoa fora de juízo carrega o guarda” ou “Uma multidão louca o vigia”.

Ainda há o caso em que a ambiguidade foge à linguística, pois seu fundamento é situacional (ILARI e GERALDI, 2004), como podemos ver em “José não consegue passar perto de um cinema.”. A ambiguidade presente nessa frase deve-se somente ao fato de não sabermos se José ama ou repudia um cinema, uma vez que não consegue passar perto porque fica com vontade de entrar ou porque aquilo não lhe traz boas recordações. Ilari e Geraldi (2004) dizem que é bem improvável que “o falante competente de língua portuguesa se contente com o sentido literal (José é fisicamente incapaz de passar perto de um cinema)” dessa frase, o que o levaria a tentar compreendê-la em sentido figurado.

Em muitas situações, a homonímia pode ser a responsável pela ambiguidade existente em um ato comunicativo – ambiguidade lexical, porém a polissemia que algumas palavras possuem pode ser o fator crucial que leve uma frase a ter mais de um sentido, como em “Adorei você ter me interrompido”. Segundo Ferraz e Escarpinete (2015), “a polissemia se

caracteriza por mais de um sentido para a mesma forma linguística”, o que pode ser aplicado ao nosso último exemplo, que pode ser entendido como “não tinha mais o que falar e você falou na hora certa”. Se proferida em tom irônico, a palavra ‘adorei’ passa a ser antonímia do que realmente quer dizer, pois, ainda de acordo com Ferraz e Escarpinete (2015), antonímia é “uma relação que se constrói contextualmente nos enunciados”, o que leva a frase a ser entendida como “Odiei você ter me interrompido”. Nesse último caso é possível perceber que a ambiguidade ultrapassa o sentido do léxico, da estrutura, sendo o seu contexto, as pessoas do discurso, a entonação de voz, a expressão facial etc. elementos que contribuirão para a construção dos sentidos que serão atribuídos a essa sentença.

Por ora, não nos cabe aqui levantar uma discussão a fim de provar a diferença entre homonímia e polissemia, pois vamos buscar a ambiguidade lexical (independente de qual seja) e estrutural nas tirinhas com a finalidade de perceber se/quando esse fenômeno é explorado pelo autor na atividade em que está presente, como veremos nos capítulos seguintes.

2. SOBRE A COLEÇÃO “PORTUGUÊS LINGUAGENS”

O material analisado neste trabalho encontra-se na coleção de livros destinados ao Ensino Fundamental II – Anos Finais, intitulado “Português Linguagens”, de autoria de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães – 8ª ed. Reformulada – São Paulo: Atual, 2014.

Todos os livros da referida coleção são divididos em 4 unidades temáticas, em que cada uma tratará a língua portuguesa nos mais diferentes contextos de produção, escrita e reflexão acerca do nosso idioma.

Cada unidade é subdividida em 3 capítulos e cada capítulo se destinará a trabalhar interpretação textual com atividades que vão da superfície à profundidade do texto, com a ajuda de questões norteadoras presentes ou não em atividades. Há também o trabalho de um gênero textual específico em cada unidade, além do estudo da gramática, presente em exercícios metalinguísticos e epilinguísticos. No início de cada unidade há uma explanação geral sobre o que será trabalhando, com a presença de imagens, dicas de filmes, livros, sites, passeios, pesquisas que levarão o aluno a se inteirar mais ainda sobre as atividades que serão desenvolvidas posteriormente.

É possível perceber que cada capítulo contempla seções fixas com finalidades específicas. O capítulo inicia com uma imagem e questões, geralmente óbvias, sobre como o aluno compreendeu a imagem. Em seguida, há a apresentação de um texto pertencente ao gênero trabalhado na unidade, seguido de questões de interpretação e compreensão. A seguir, na seção “a linguagem do texto” trabalham-se os recursos linguísticos utilizados pelo autor na construção de tal texto, em que a gramática pode ser abordada de forma normativa ou reflexiva. Há também propostas de produção textual do gênero trabalhado na unidade, com a ajuda de conceitos, características e exemplificações de como deve-se fazê-lo. Na seção “a língua em foco”, a abordagem epilinguística da gramática existe, mas prevalece a metalinguagem, com todas as classificações e nomenclaturas já esperadas. Na parte dedicada a entender os aspectos semânticos no fala cotidiano e nos gêneros textuais, “semântica e discurso”, curiosamente há pouca exploração, havendo uma ou outra ocorrência de questões que tratem de ambiguidade, sinonímia, polissemia etc., percebendo-se muito mais direcionamentos para a interpretação textual e estudo da norma culta. Finalizando cada capítulo, a área “divirta-se” traz frequentemente um gênero humorístico, havendo vez ou

outra a troca por uma imagem em 3D, um enigma não verbal, mas sem nunca haver uma exploração do texto, deixando isso a critério do professor e/ou do aluno.

Ao fim de cada unidade há duas seções: “passando a limpo...” e “intervalo”. A primeira traz questões objetivas que visam fazer uma revisão geral do que foi tratado durante toda a unidade, com atividades de interpretação e conhecimentos gramaticais; a segunda sugere que se elabore um projeto maior levando em consideração também o que foi estudado na unidade que acabou de ser finalizada, como, por exemplo, produzir um livro de contos, uma revista em quadrinhos, um blog etc.

Observando a coleção por um viés não estrutural, percebe-se que os autores utilizam-se dos mais diversos gêneros textuais, ainda que estes não sejam trabalhados enquanto tais. Por mais que em cada unidade haja um gênero como “carro-chefe”, Cereja e Cochar não deixam a desejar no que diz respeito ao trabalho com os mais diversos domínios discursivos. A coleção faz parte do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) há alguns anos e na sua descrição, presente no guia, fica exposto que

“Os eixos da leitura e dos conhecimentos linguísticos são priorizados e ocupam maior extensão nos volumes da coleção. A articulação entre os eixos de leitura e de produção de texto é efetivada por meio do gênero textual ou por meio do tema. Contudo, a articulação entre esses eixos e o dos conhecimentos linguísticos não é tão evidente na obra.”. (Brasil. 2017, p. 44)

Tratando-se este de um trabalho que surge da necessidade de perceber como se dão alguns recursos semânticos nos mais diversos gêneros textuais, houve a escolha inicialmente de um domínio discursivo – o humorístico – como base para nossa pesquisa e de um recurso semântico muito presente em gêneros humorísticos – a ambiguidade. Feitas essas pré-seleções, a seguir comentaremos como elas estão presentes no objeto ora analisado e que função desempenham quando são utilizadas.

2.1 Textos de Humor na Coleção

Dada a importância do LD enquanto instrumento norteador de geração de novos conhecimentos acerca da estrutura linguística em que estamos inseridos e dos fatores exteriores que a complementam, a seleção de textos a serem nele trabalhados é de extrema importância não só para termos ciência do universo de possibilidades que a língua pode nos

proporcionar, mas por ser, muitas vezes, a única porta de entrada de muitos estudantes para o mundo literal e literário, como dissemos anteriormente.

Os gêneros da esfera humorística se sobressaem aos demais na coleção ora analisada devido a diversos fatores, como, a) aproximarem-se à linguagem coloquial do aluno, b) serem construídos, quase em sua totalidade, com figuras de linguagem e nos mais diversos contextos, c) provocarem uma reação inesperada em um ambiente onde a formalidade textual quase sempre impera, pois “exigem, para sua interpretação, a mobilização de fatores de outra natureza e outras ordens de memória” (POSSENTI, 2010), levando o leitor a perceber que, mesmo em textos curtos, há imensos discursos ocultos.

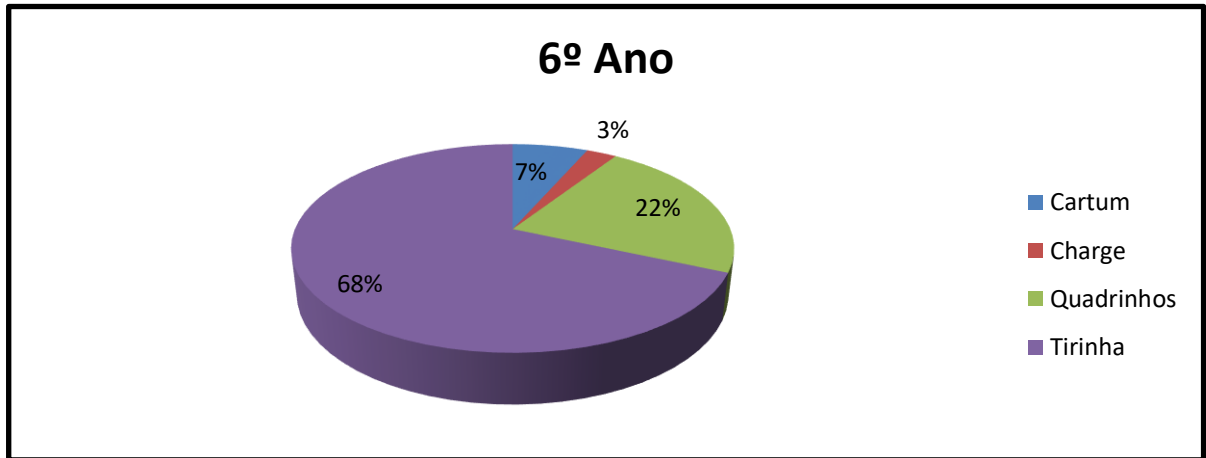
Foi percebido durante a análise do objeto de estudo que todos os livros da coleção contemplam gêneros humorísticos, sejam eles constituídos de linguagem verbal, mista ou não verbal, e suas utilizações se dão de diversas maneiras devido às várias possibilidades de como abordá-los. Os gêneros de humor são usados para ilustrar textos literários, textos de conceituação gramatical, são usados em atividades como pretexto para estudo gramatical numa perspectiva metalinguística, epilinguística, bem como para fixação das características do gênero abordado. Há também uma seção destinada quase totalmente aos gêneros de humor – “divirta-se”. Nessa seção é comum encontrar cartuns, tirinhas, quadrinhos, anedotas, e tirinhas, adivinhas, sendo bem rara a aparição de uma imagem em 3D, uma charada, um anúncio.

É válido aqui ressaltar que, em dois volumes da coleção, é dada uma atenção especial ao humor. No livro destinado ao 6º Ano há três capítulos que trabalham o gênero “história em quadrinhos” em todos seus aspectos – história do gênero, estilos, autores, recursos linguísticos característicos, meios de produção, além de ser tema de um projeto para que haja uma mostra de quadrinhos na escola. O livro direcionado ao 8º ano não trabalha um gênero específico, mas como é possível encontrar humor nos mais diversos gêneros, claro, desfazendo a ideia de que só tem humor aquilo que te faz rir. Ao longo de três capítulos, há a utilização de cartuns, crônicas, pinturas, anúncios, contos, teatro, charge, tirinha, quadrinhos, anedotas, gêneros quase sempre contemplados acompanhados de questões que tratam de fazer, ainda que superficialmente, uma breve interpretação a fim de saber onde está o tão esperado “humor da história”.

Dentre uma diversidade tão grande de gêneros da esfera humorística presente em nosso objeto de análise, preferimos optar pelos gêneros multimodais a fim de perceber como se dá a exploração do fenômeno semântico da ambiguidade nas atividades relativas a eles e

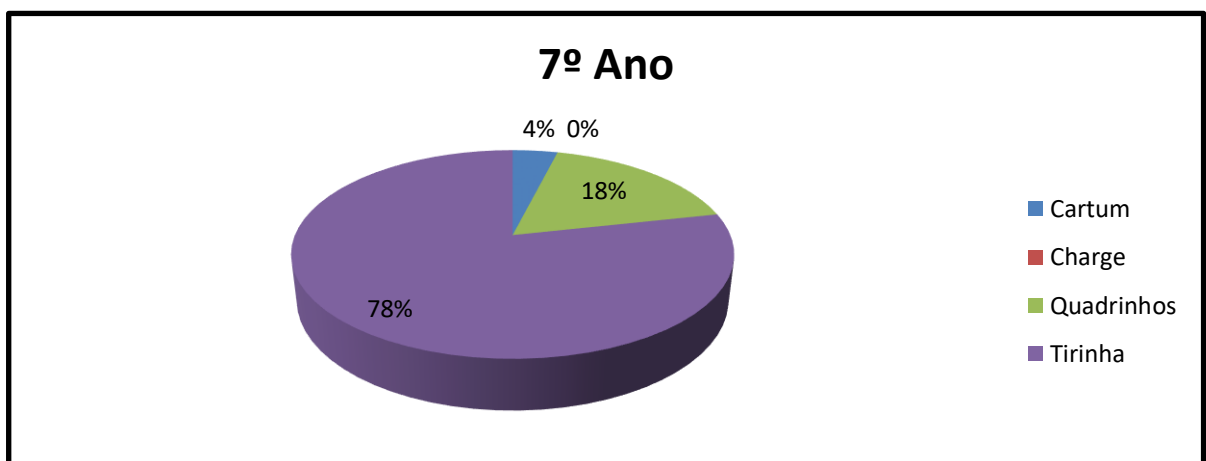
segue abaixo uma explanação mais geral em forma de gráfico a fim de demonstrar a maior ocorrência de tirinhas em relação aos demais gêneros.

Gráfico 1

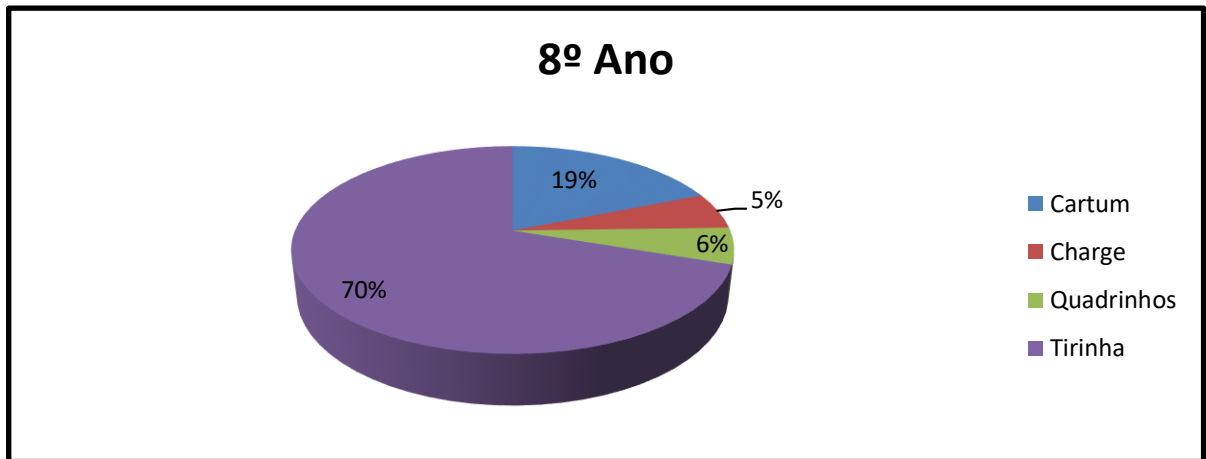


No livro pertencente ao 6º ano, foram encontrados cinco cartuns, duas charges, dezessete histórias em quadrinhos e cinquenta e duas tirinhas. Essa quantidade está expressa no gráfico acima em forma de porcentagem.

Gráfico 2

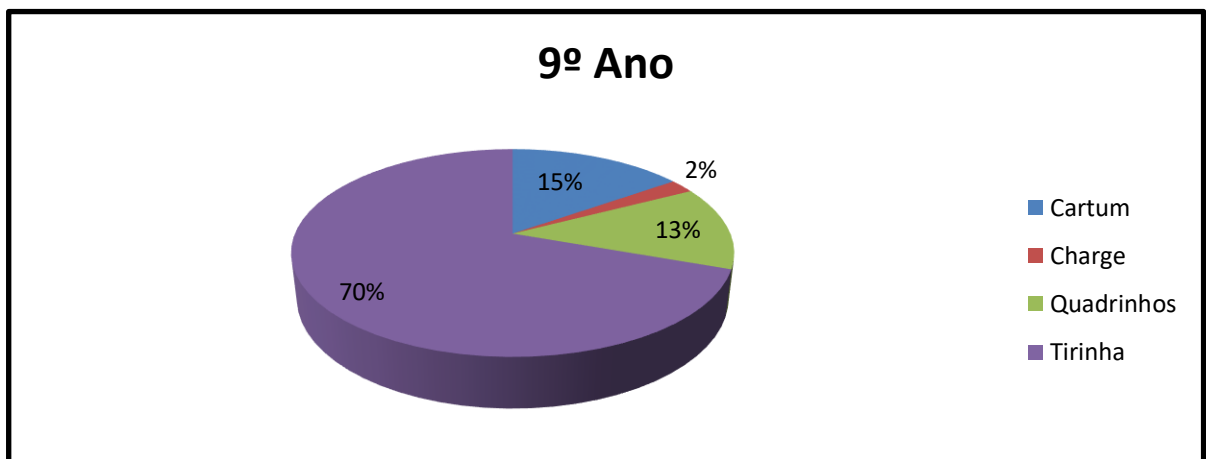


No livro pertencente ao 7º ano, foram encontrados dois cartuns, nenhuma charge, nove histórias em quadrinhos e quarenta tirinhas. Essa quantidade está expressa no gráfico acima em forma de porcentagem.

Gráfico 3¹

No livro pertencente ao 8º ano, foram encontrados dez cartuns, três charges, três histórias em quadrinhos e trinta e sete tirinhas. Essa quantidade está expressa no gráfico acima em forma de porcentagem.

Gráfico 4



No livro pertencente ao 9º ano, foram encontrados sete cartuns, uma charge, seis histórias em quadrinhos e trinta e duas tirinhas. Essa quantidade está expressa no gráfico acima em forma de porcentagem.

Com esse levantamento geral, foi possível perceber que, embora as tirinhas estejam presentes em maior quantidade em relação aos outros gêneros humorísticos, há uma

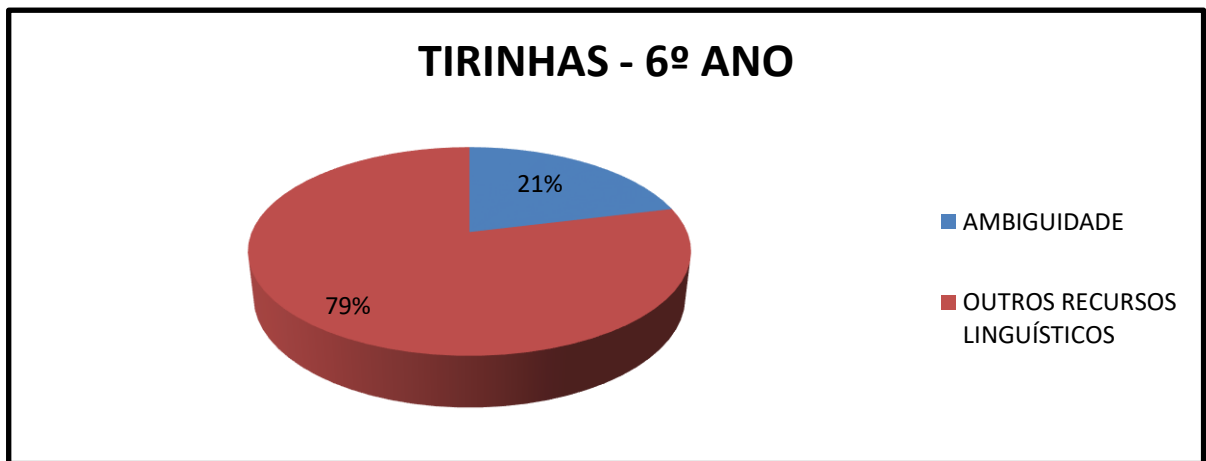
¹ Apesar de possuírem três charges e três quadrinhos, o gráfico diverge na porcentagem pelo fato de o programa de computador usado na elaboração do gráfico não fracionar os números relativos ao percentual de dados inseridos.

decrecente ocorrência de sua utilização na coleção “português linguagens”, sendo 52, 40, 37 e 32 usos nos livros do 6º, 7º, 8º e 9º ano, respectivamente.

2.2 Gráfico das Tirinhas

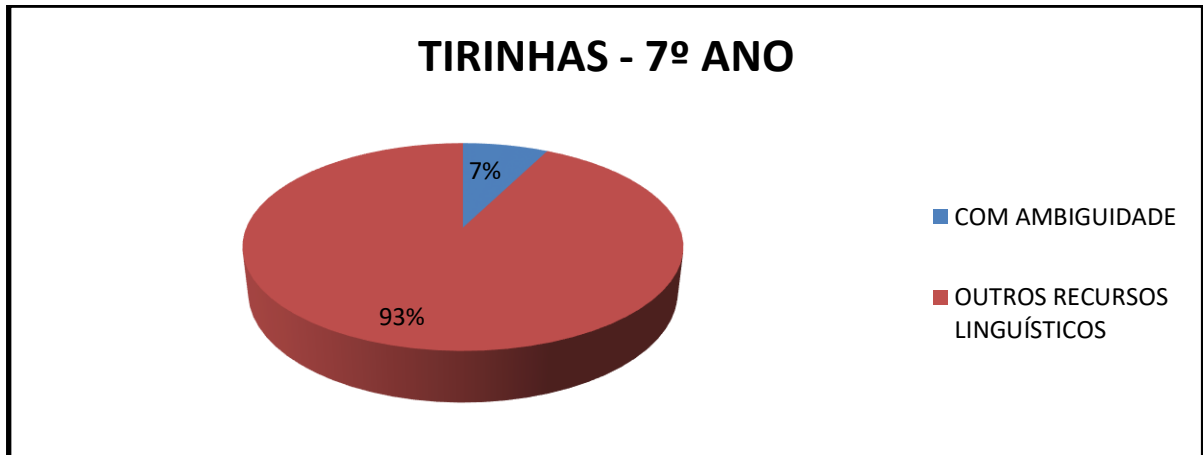
A seguir, veremos, em forma de gráfico, a quantidade de tirinhas que tem ambiguidade como caminho para se chegar à quebra de expectativa presente na tirinha ou como gatilho do humor presente no gênero.

Gráfico 5



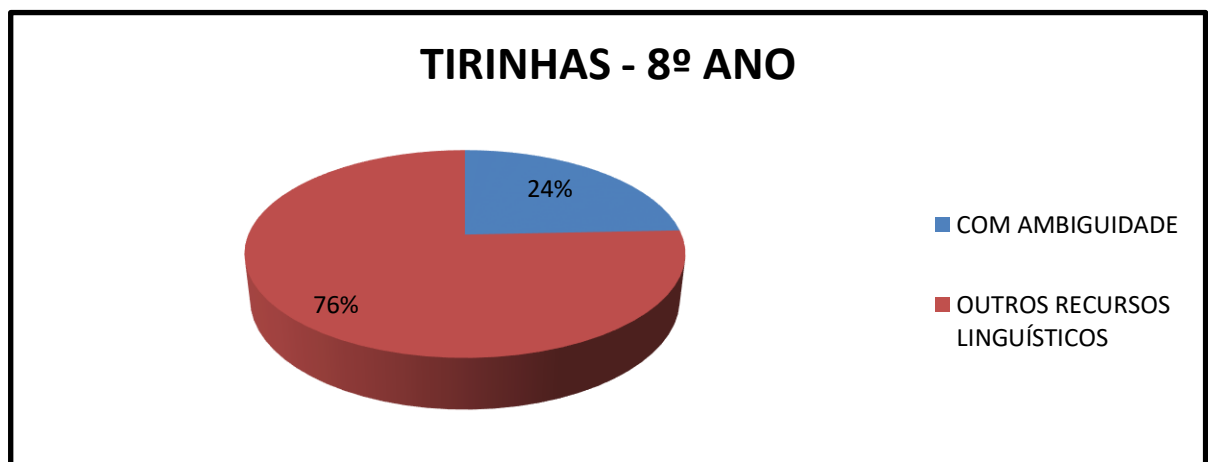
No livro pertencente ao 6º ano, foram encontradas cinquenta e duas tirinhas e, dentre elas, onze possuem ambiguidade e quarenta e uma fazem uso de outro(s) recurso(s) linguístico(s) em sua constituição. Essa quantidade está expressa acima em forma de porcentagem.

Gráfico 6



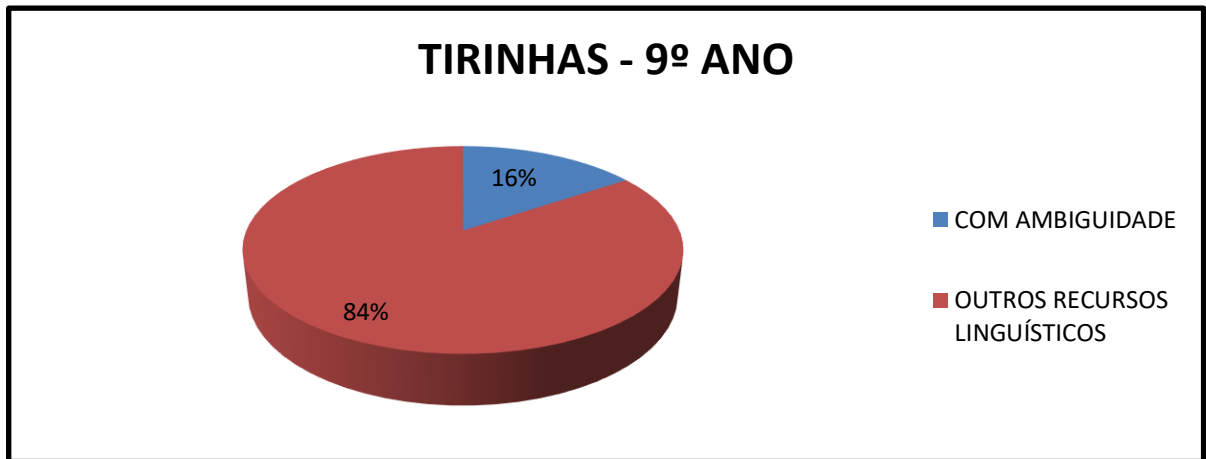
No livro pertencente ao 7º ano, foram encontradas quarenta tirinhas e, dentre elas, três possuem ambiguidade e trinta e sete fazem uso de outro(s) recurso(s) linguístico(s) em sua constituição. Essa quantidade está expressa acima em forma de porcentagem.

Gráfico 7



No livro pertencente ao 8º ano, foram encontradas trinta e sete tirinhas e, dentre elas, nove possuem ambiguidade e vinte e oito fazem uso de outro(s) recurso(s) linguístico(s) em sua constituição. Essa quantidade está expressa acima em forma de porcentagem.

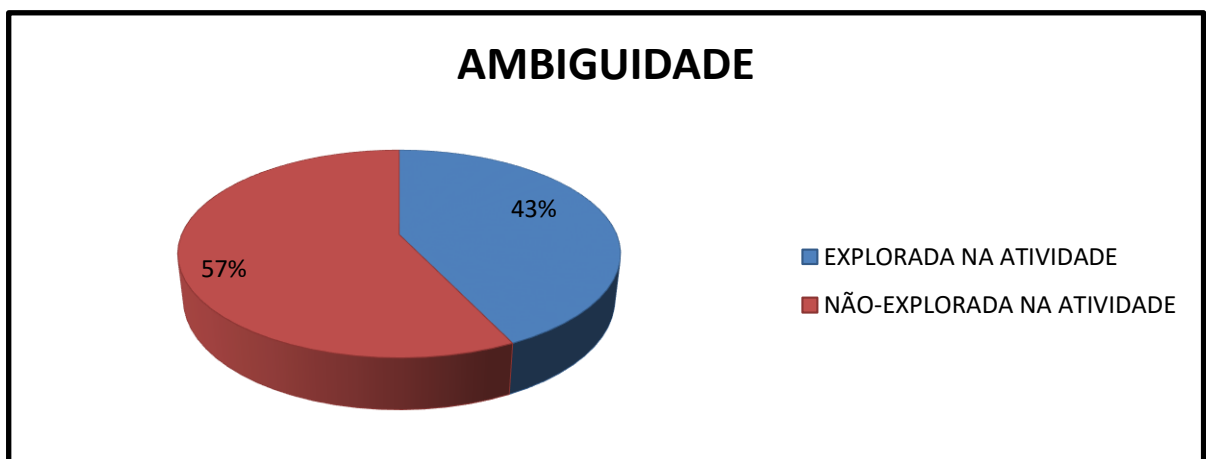
Gráfico 8



No livro pertencente ao 9º ano, foram encontradas trinta e duas tirinhas e, dentre elas, cinco possuem ambiguidade e vinte e sete fazem uso de outro(s) recurso(s) linguístico(s) em sua constituição. Essa quantidade está expressa acima em forma de porcentagem.

Considerando os quatro volumes, encontramos cento e sessenta e uma tirinhas e, após fazermos análise de todas elas, verificamos que vinte e oito utilizam como recurso linguístico a ambiguidade. Analisando as tirinhas que possuem ambiguidade, vemos a seguir um gráfico mostrando que, na soma total das atividades que exploram o fenômeno semântico em questão, não há uma diferença muito grande entre os exercícios em que a tirinha tem sua ambiguidade explorada e os exercícios em que esse recurso linguístico passa despercebido.

Gráfico 9



É possível ver que 43% das 28 tirinhas com ambiguidade, o equivalente a 12 tiras, tem sua ambiguidade explorada na atividade em que está presente, enquanto 57% das tirinhas com

ambiguidade, o equivalente a 16 tiras, não tem esse recurso semântico trabalhado pelos autores nos exercícios.

Nosso corpus de análise, presente no próximo capítulo, vai mostrar oito atividades que foram escolhidas aleatoriamente com a finalidade não só de mostrar quando os autores exploram ou não a ambiguidade presente em cada uma das tirinhas, mas de indicar o que poderia ter sido feito a partir da análise linguística de um gênero textual tão rico em recursos semânticos e que, por muitas vezes, isso se faz de forma precária ou não se faz.

3. ANÁLISE DE TIRINHAS COM AMBIGUIDADE NAS ATIVIDADES

O LD, quando bem utilizado, é uma importante ferramenta na mão do professor e do aluno, protagonistas do fazer educacional tanto no âmbito escolar quanto fora dele. A coleção que está sendo analisada aqui apresenta grande quantidade de gêneros, atividades de interpretação e produção textual, ou seja, por mais que trabalhem a gramática normativa de forma puramente metalinguística em algumas situações, Cereja e Cochar conseguem explorar muito bem a maioria dos textos contemplados no referido conjunto de livros.

Como dito no capítulo anterior, percebe-se a recorrência discrepante do gênero tirinha em relação aos demais gêneros trazidos nos LD's, isso independente da função que será atribuída à presença daquele texto em tal ou em tal seção. Fazer uso de um gênero textual como pretexto para ensino e aprendizagem de regras gramaticais isoladas não é algo novo e, por mais que haja muitos estudos recentes sobre o quão importante é fazer a análise linguística quando se se depara com um texto, ainda há uma recorrência grande dessa tradição. Isso também acontece na coleção “português linguagens” e, quando acontece, o gênero eleito, na maioria dos casos, é a tirinha.

Por ser um gênero que traz uma narrativa curta e que possibilite ao aluno contextualizá-la a situações (de fala ou de acontecimentos) de seu cotidiano com frequência, é comum que a tirinha se sobressaia aos demais gêneros. Na sociedade em que vivemos, há grandes dificuldades no que diz respeito a ter contato com os mais diversos tipos e gêneros textuais existentes, pois, para grande parte de nossos estudantes, “a escola é o único espaço que pode proporcionar acesso a textos escritos, textos estes que se converterão, inevitavelmente, em modelos para a produção” (Brasil. Ministério da Educação, 1998), deixando o aluno apto a não apenas reconhecer os gêneros, mas a perceber recursos linguísticos e estilísticos utilizados em sua produção e a função desses recursos nos mais diversos gêneros utilizados no LD.

Compreendendo que o LD também cumpre essa função social, serão feitas a seguir, análises de algumas atividades existentes na coleção “português linguagens”, a fim de perceber se essas dão subsídios aos alunos para que eles compreendam tal gênero através de um dos recursos semânticos mais utilizados na produção do mesmo: a ambiguidade. Essas análises terão o papel de mostrar quando determinada tirinha que possui ambiguidade teve esse recurso explorado pelo autor através de questões e quando a tirinha com ambiguidade não teve esse recurso explorado na atividade em que está sendo o texto norteador.

ATIVIDADE 1

Você conhece Mafalda, personagem criada pelo cartunista argentino Quino? Ela é uma menina inteligente, que adora questionar tudo o que vê. Leia esta tira com a personagem:



(Quino. *Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. v. 2, p. 3.)

No início da atividade, o autor pergunta se o aluno conhece Mafalda, diz quem é seu criador e dá algumas características dela para que o aluno já faça a leitura do texto conhecendo um pouco da personalidade da personagem.

1. A tira retrata uma situação cotidiana.

a) Quem são as personagens? *Mafalda (a menina) e uma mulher.*

b) Onde elas estão? *Em frente a um prédio.*

As duas primeiras perguntas sobre a tirinha lida são bem típicas em atividades de interpretação textual – quem são e onde estão as personagens e as respostas às questões não são difíceis de dar, até porque, uma das personagens é identificada antes da leitura da tira.

2. Observe o 2º e o 3º quadrinhos da tira.

a) Na sua opinião, por que Mafalda estica os olhos, puxando-os com os dedos?

Para imitar o rosto dos japoneses, cujos olhos são puxados.

b) A que língua pertencem as palavras que ela diz à mulher? *Ao japonês.*

c) Converse com os colegas e tente descobrir o que significa cada uma das palavras faladas por Mafalda.

kimono: roupa usada para praticar esporte; Hitachi: cidade japonesa; Fuji-Yama: monte Fuji, a montanha mais alta do Japão; haraquiri: ritual de suicídio que consiste em rasgar o ventre com faca ou sabre; Minolta: antiga empresa fabricante de máquinas fotográficas; Hiroshima: província japonesa cuja capital tem o mesmo nome; Hirohito: ex-imperador do Japão; karatê: arte marcial; gheisha: gueixa, mulher japonesa que se veste conforme a tradição; samurai: antigo soldado do imperador; Ikebana: arte de fazer arranjos com flores

d) Essas palavras formam frases com sentido?

Não, as palavras estão soltas, sem conexão. Professor: Se quiser, poderá aproveitar a oportunidade e apresentar informalmente os conceitos de coerência e coesão, aspectos do discurso necessários para que os enunciados tenham sentidos claros e completos.

A segunda questão da atividade é direcionada apenas ao 2º e 3º quadrinhos da tirinha, que possui um total de 5 quadrinhos. Na letra A, é solicitado que o aluno atente apenas ao recurso não verbal, ou seja, ao fato de Mafalda estar puxando os olhos a fim de mostrar-se com alguma característica oriental. Na letra B, é solicitado ao aluno que ele mostre saber a que língua pertencem as palavras ditas por ela nos dois quadrinhos, o que não é muito difícil

de se responder, uma vez que são muitas palavras, algumas delas já incorporadas ao nosso léxico (kimono e karatê, por exemplo) e bastava saber a origem de uma das 11 palavras ditas por ela para se chegar à resposta correta, visto que o enunciado “diz” que, se todas elas pertencem a uma única língua, saber a origem de uma é o mesmo que saber a origem de todas. A letra C é uma questão que foge do texto, pois pede que os alunos conversem entre si para descobrir o significado de todas palavras ditas por Mafalda, o que só seria possível com a ajuda de enciclopédias, dicionários, internet, pois algumas delas podem ser desconhecidas da maioria dos alunos com a faixa etária regular pertencentes ao 6º Ano do Ensino Fundamental, que é de 11 anos, como *minolta* e *haraquiri*. A resposta à letra D é uma consequência da letra C, pois os alunos só saberão se as palavras formam frases com sentidos se souberem o significado de todas elas e a resposta será negativa, uma vez que a maioria delas possui significados bem distintos uns dos outros e não há elementos de coesão entre elas.

3. No 4º quadrinho da tira, a mulher foge.

a) Você acha que a mulher entendeu o que Mafalda disse? *Não, porque ela faz cara de espanto e foge*

b) Deduza: O que a mulher pode ter pensado a respeito de Mafalda?

Que a menina tinha enlouquecido ou não estava passando bem.

A terceira questão enfoca apenas o 4º quadrinho da tirinha, em que a personagem com quem Mafalda interage sai correndo ao ouvir as palavras ditas pela menina. Na letra A, é questionado ao aluno se ele acha que a mulher entendeu o que Mafalda disse. Sua expressão facial e o uso da interrogação dentro de um balão de fala direcionado a ela no 2º quadrinho e sua expressão facial no 3º quadrinho (a mesma do quadrinho anterior), juntamente ao recurso não verbal de mostrar que ela estava tremendo, culminam no ato de ela sair correndo no 4º quadrinho, ou seja, a resposta não está no quadrinho ao qual o enunciado da questão faz referência, mas aos dois anteriores. A letra B pede que o aluno deduza o porquê de a mulher ter saído correndo daquela situação, deixando o aluno à vontade para dar respostas coerentes à reação dela (tanto de dúvida quanto de medo) diante do fato de Mafalda proferir sons estranhos mudando a expressão de seu rosto.

4. O humor da tira concentra-se no último quadrinho, quando Mafalda diz: “E depois ficam falando de maior compreensão entre Oriente e Ocidente!”.

a) Quem você acha que é o enunciador de uma fala como essa?

Provavelmente a imprensa, políticos e representantes de órgãos internacionais, entre outros

b) Que tipo de compreensão é essa a que Mafalda se refere?

Compreensão sobre diferenças culturais, religiosas, de costumes, etc.

c) Na imaginação de Mafalda, qual das duas personagens representa o Ocidente? E o Oriente?

Mafalda representa o Oriente, e a mulher, o Ocidente.

A quarta questão da atividade foca no humor da tirinha, culminante no 5º e último quadrinho da tira, em que Mafalda diz a frase “E depois ficam falando de maior compreensão entre Oriente e Ocidente!”. Na letra A, o autor pergunta se o aluno saberia quem é o enunciador de uma fala assim, ou seja, quem fala sobre compreensão entre povos orientais e ocidentais. A questão não usa a palavra “fala” como ato de emitir voz, mas com o sentido do lugar social ocupado por quem profere tal discurso e, se isso não for esclarecido pelo professor, pode levar os estudantes a respostas equivocadas. Na letra B vemos que a palavra ‘compreensão’ é o gatilho do humor presente na tirinha, pois é questionado ao aluno (implicitamente) se ele conhece o sentido de tal palavra e em que sentido ela foi usada no contexto – dizendo respeito ao ato de decodificação ou de paz. A frase dita por Mafalda no último quadrinho possui ambiguidade estrutural e poderia ter sido mais explorada, uma vez que o fato de a mulher ter se assustado e ter corrido deve-se ao fato de Mafalda não ter entendido que compreensão entre Oriente e Ocidente não diz respeito a decodificar os idiomas falados nesses dois hemisférios, mas a haver entendimento e paz entre as nações orientais e ocidentais. O raciocínio para a resposta da letra C foi iniciado na letra A da segunda questão, quando o aluno respondeu que Mafalda estava imitando os japoneses, logo, voltando à letra C da quarta questão, ela seria a representante do Oriente e, por eliminação, a outra personagem seria representante do Ocidente.

A atividade explora bastante o texto, mas deixa de lado aspectos essenciais para a compreensão desse gênero, que é perceber a linguagem não verbal como elemento essencial na construção da tirinha. Pensamos que esse não é um grande problema, uma vez que no LD cuja atividade foi retirada há uma unidade que vai trabalhar bem todos os aspectos desse gênero e, por se tratar do livro pertencente ao primeiro dos quatro últimos anos do Ensino Fundamental, esse trabalho aprofundado com o gênero tirinha dará uma boa base para os anos subsequentes, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio.

ATIVIDADE 2

A atividade tem “conotação” e “denotação” como tema central abordado em todas as questões.

1. Quase sempre os provérbios são construídos em linguagem conotativa. Dê o sentido dos provérbios empregados nas estrofes a seguir.

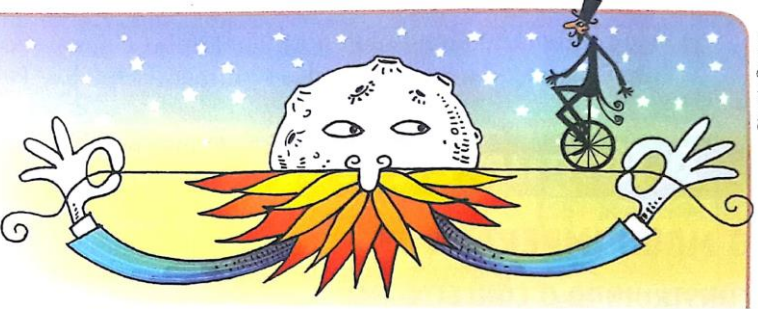
Um cara todo elegante	Quem faz pouco do produto	Entre outros dez ignorantes,
Mas de caráter nojento —	Mas insiste em pechinchar,	Eu mesmo até que brilhei,
“Por fora, bela viola.	Se esquece desta verdade:	Porque “em terra de cego
Por dentro, pão bolorento.”	“Quem desdenha, quer comprar”.	Quem tem um olho é rei”.
<small>Uma boa aparência pode ocultar um conteúdo ruim.</small>	<small>Quem insiste em desvalorizar alguém ou alguma coisa, tem inveja da pessoa ou quer aquilo para si.</small>	<small>Onde as pessoas têm pouco conhecimento, [...] quem sabe alguma coisa se destaca.</small>
<small>(Tatiana Belinky. “As sábias conclusões.” <i>Caldeirão de poemas</i>. São Paulo: Cia. das Letrinhas, 2007. v. 2. p. 38-9.)</small>		

A primeira questão traz um texto em verso de Tatiana Belinky e é pedido que o aluno dê sentido aos provérbios existentes nele. A atividade não é tão complicada de ser feita, uma vez que, junto aos provérbios, há explicações sobre eles, cabendo ao estudante apenas parafrasear o que está no texto.

2. Em um dos fragmentos a seguir, de Roseana Murray, a linguagem é denotativa. Identifique-o.

a)

Procura-se um equilibrista
que saiba caminhar na linha
que divide a noite do dia
que saiba carregar nas mãos
um fino pote de fantasia
[...]



(“Procura-se um equilibrista.” *Poemas para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. p. 31.)

x b)

Espero dezembro
Para plantar girassóis

(*Poemas para ler na escola*, cit., p. 30.)

A segunda questão utiliza dois fragmentos de textos distintos a fim de que o aluno indique em qual deles a linguagem usada é denotativa. O primeiro texto é um poema e o fragmento escolhido possui cinco versos e a linguagem conotativa é percebida no terceiro e quinto versos; o segundo fragmento também é de um poema e possui dois versos que, isolados, não dão margem a outras interpretações. Poderia ter sido usado um fragmento de um

texto essencialmente denotativo, como uma notícia, um artigo científico e não versos isolados de um gênero que recorre geralmente à linguagem figurada para se constituir.

3. Observe o emprego das palavras **plateia** e **papel** nos versos a seguir.

A vida é chata, mas ser **plateia** é pior

E que **papel** o meu

Chá quente na cama, sorvete, torta, banana, lua de mel

(Tulipa Ruiz, "Às vezes": CD *Efêmera*. YB Music, 2010.)

plateia: espectador de *show*; peça, filme ou palestra / quem fica parado, sem fazer nada, apenas assistindo; papel: material feito de celulose / personagem representada por um ator

Dê o sentido denotativo dessas palavras e o sentido conotativo que elas têm nos versos.

A terceira questão usa um fragmento de uma letra de música para que o aluno dê o significado das palavras destacadas (**plateia** e **papel**) no sentido real e no contexto em que estão inseridas.

4. Construa frases empregando as expressões abaixo e utilizando em sentido conotativo as palavras destacadas.

a) **brilho** das estrelas

b) **perfume** de fruta

c) sabor **amargo** do café

d) **calor** do fogo

Respostas pessoais.

A quarta questão traz quatro expressões constituídas de três ou mais palavras (sendo uma delas em negrito) e caberá ao aluno construir quatro sentenças utilizando tais expressões completas e mais quatro fazendo uso somente da palavra destacada em cada quesito, porém esta deverá estar em sentido conotativo.

5. Leia esta tira, de Caco Galhardo:



- a) No contexto, a declaração “virei uma pedra de gelo”, feita pela personagem feminina, tem sentido denotativo ou conotativo? Por quê? *Tem sentido conotativo, pois diz respeito aos sentimentos da personagem e significa que ela se tornou insensível ou indiferente às pessoas.*
- b) A linguagem visual da tira dá à expressão **pedra de gelo** sentido denotativo ou conotativo? *Dá sentido denotativo, pois mostra a personagem transformada “realmente” em uma pedra de gelo.*
- c) Pelo comentário do homem no 3º quadrinho, é possível concluir que Lili encontrou um interlocutor que a ajudará a se curar dos sentimentos feridos? Por quê? *Não, pois ele reage com ironia ao desabafo dela.*

A quinta questão traz uma tira de Caco Galhardo em que uma das personagens afirma ter virado uma pedra de gelo em virtude de ter seus sentimentos feridos muitas vezes. A ambiguidade da expressão “pedra de gelo” é visivelmente comprovada, pois a personagem principal, Lili, interage com a outra personagem estando dentro de um cubo de gelo, fato explorado na letra a., quando questiona o sentido da declaração feita por Lili ao seu colega. A letra B faz o confronto da linguagem verbal com a linguagem não verbal, pois a moça afirma ter virado uma pedra de gelo no sentido de esfriar seus sentimentos, não se deixar levar pelo calor do momento ou permitir que alguém aqueça seu coração com novas promessas e também no sentido de ter se transformado em um cubo de gelo gigante para evitar que se aproximem dela. É pedido que o estudante indique se é conotativo ou denotativo o sentido da imagem em relação à expressão “pedra de gelo”. A letra C indaga se Lili obteve receptividade ao desabafar com seu interlocutor. O humor da tirinha consiste justamente no fato de o colega de Lili ter achado bom ela ter virado uma pedra de gelo, não em sentimentos, mas em sentido real, pois era verão e aquilo até faria bem pra ela. A ambiguidade da expressão poderia ter sido mais explorada, no sentido de questionar ao aluno que, em uma situação real de fala, também pode-se usar a expressão “pedra de gelo” para indicar, por exemplo, alguém desprotegido em um clima muito frio, como em “...de repente o clima esfriou, sorte que levei um casaco, senão teria virado uma pedra de gelo”.

Tendo uma visão geral, é uma atividade boa, coerente com o gênero trabalhado na unidade – crônica –, além de levar o aluno a exercitar bastante os sentidos reais e figurados de palavras e expressões dentro de contextos e gêneros diversos.

ATIVIDADE 3

Leia esta tira, de Fernando Gonsales:



(Disponível em: www2.uol.com.br/niquel. Acesso em: 25/5/2010.)

A atividade em análise possui uma tirinha de Fernando Gonsales como texto base para todas as questões. O exercício de interpretação está servindo para ajudar a construir o conceito do próximo assunto gramatical – figuras de sintaxe.

1. Observe o 1º quadrinho e responda: Ao ler o primeiro balão, quem o leitor imagina que esteja falando dentro do consultório? Com quem? *Um paciente. / Com o dentista.*

A primeira questão foca apenas no primeiro quadrinho e pede que o aluno identifique, através da fala que aparece no primeiro balão, quem são os possíveis interlocutores da conversa. Além da fala do locutor (ainda não identificado), que usa a palavra ‘doutor’ como vocativo, outros elementos verbais e não verbais levam o aluno a responder ao que se pede. A história se passa em um consultório de um dentista, fato comprovado por não só pelo cenário, onde há uma moça sentada, lendo uma revista, provavelmente esperando sua vez de ser atendida, mas também pelo balão de fala onde é possível identificar um barulho de motor através da onomatopeia “dzzzzz” e, principalmente, por haver uma placa na porta do ambiente de consulta com um grande “dente” e o nome “dentista”.

2. O humor da tira é construído a partir das informações reveladas ao leitor no 2º quadrinho.
 - a) Quem, na verdade, é o paciente? *Uma cobra.*
 - b) A que barulhinho o paciente se referia no 1º quadrinho? *Ao motorzinho usado pelo dentista.*

A segunda questão foca no humor do texto, com as revelações presentes no segundo e último quadrinho da tira. A letra A pergunta quem é o paciente – uma cobra (locutora da fala presente no balão do quadrinho anterior). A letra B pergunta a que barulhinho a cobra se

referia no 1º quadrinho – ao motorzinho, geralmente usado pelo dentista para procedimentos comuns, como retirada de cárie.

3. O dentista diz, no 2º quadrinho: “Eu também morro de medo do seu”.

a) Nessa frase, para evitar repetição, uma palavra ficou subentendida. Qual é ela? Barulhinho.

b) Por que o dentista tem medo do barulhinho feito pelo paciente?

Porque o barulhinho é um sinal de que a cobra está assustada e, por isso, pode dar o bote.

A terceira questão foca apenas no 2º quadrinho da tirinha quando, na letra A, quer saber que palavra fica subentendida na fala do dentista. A letra B questiona ao aluno o porquê de o médico também ter medo do barulhinho da cobra. Há uma exploração bem superficial quanto à ambiguidade estrutural presente em “morro de medo do seu barulhinho”. Quando se vai fazer referência ao som emitido pelo objeto de trabalho do dentista presente na tira, geralmente fala-se em “motor”, “motorzinho”, “barulho do motorzinho” e houve uma escolha do autor da tira em substituir essas expressões apenas por “barulhinho” para que pudesse ser construída essa relação de igualdade entre os dois elementos que fazem barulho – o motor da caneta de alta rotação usada pelos dentistas e o chocalho presente na ponta da cauda da cobra cascavel a fim de que a mesma sentença tivesse o sentido de “já estou com medo da dor que sentirei quando o senhor ligar o motor e começar o procedimento”, quando proferida pela cobra e “já estou com medo de lhe machucar porque seu chocalho serve para afastar outros animais e, como não posso me afastar, serei atacado” ao ser dita pelo médico.

No geral, é uma atividade simples, que explora os elementos verbais e não verbais que constituem o texto, além de fazer uma breve análise linguística do que é dito na tira.

ATIVIDADE 4

Leia um trecho de uma crônica de Antônio Prata e responda às questões de 1 a 5.

Cruzamento

[...] Meu carro corta com esforço a geleia modorrenta em que o ar se transformou nesse verão. Um casal de adolescentes começa a atravessar a rua, de mãos dadas, à minha frente. Fora da faixa. Eles dão uma olhada para o meu carro, de leve, calculando. A garota faz menção de apressar o passo, o garoto a dissuade com um olhar de esguelha e, talvez, um sutil aperto na mão. Eles seguem seu ritmo, lento, rumo à outra calçada.

[...]

Percebo então que quem atravessou a rua à minha frente não foi um casal de adolescentes, foi a adolescência. E quem freou o carro não fui eu, mas a idade adulta. Pois é assim que a adolescência lida com o mundo. Não capitula, arrisca, peita. "Imagina se eu mudo meu ritmo, o mundo que se acostume a ele!", e porque os adolescentes têm um anjo protetor dos mais poderosos ou, pelo menos, uma sorte do tamanho de um bonde, acontece de chegarem, quase sempre, são e salvos do outro lado da rua.

Já a idade adulta pondera, põe o pé no freio quando convém, faz concessões, dirige afinada com a sinfonia dos outros, dentro dessa outra geleia modorrenta cujo nome, hoje, soa tão adolescente: sistema. E por isso me irrita, porque ali, naquela rua, diminuindo meu ritmo, me percebo velho, adequado, apascentado. Eles vão no ritmo deles, a realidade que se vire, e é assim, distraídos, que mudam o mundo.

(*Meio intelectual, meio de esquerda*. São Paulo: Editora 34, 2010. p. 107.)

A atividade está presente na seção “passando a limpo”, presente ao fim de cada unidade, e é constituída somente por questões objetivas. Há um trecho de uma crônica iniciando a atividade, servindo de base para as questões de 01 a 05.

1. Um conflito corriqueiro entre motorista e pedestre leva o narrador a refletir sobre as fases da vida. O fato que provoca essa reflexão é:
 - x a) um casal de adolescentes atravessa a rua na frente de seu carro em movimento e ele reduz a marcha.
 - b) o casal atravessa a rua fora da faixa de pedestres.
 - c) os adolescentes não respeitam os sinais de trânsito.
 - d) o narrador percebe que envelheceu. Descritor: 10 – Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa.

A primeira questão quer saber qual fato leva o narrador a refletir sobre as fases da vida. Nenhuma das alternativas é totalmente absurda, pois todos os fatos presentes nos quesitos ocorrem mais ou menos ao mesmo tempo.

2. No texto, há uma opinião do narrador em:

- a) “Um casal de adolescentes começa a atravessar a rua [...]”
- x b) “[...] os adolescentes têm um anjo protetor dos mais poderosos [...]”
- c) “[...] dão uma olhada para o meu carro [...]”
- d) “Fora da faixa.” Descritor: 14 – Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato.

A segunda questão pede que o aluno diga em qual dos quesitos está uma opinião do narrador. As outras alternativas são fatos referentes à opinião dada por quem narra o texto, não sendo tão fácil de responder.

3. O narrador apresenta suas ideias com ponderação, sem ser taxativo. Assinale a única passagem em que isso **não** acontece:

- a) “[...] com um olhar de esguelha e, **talvez**, um sutil aperto na mão.”
- b) “[...] um anjo protetor dos mais poderosos ou, **pelo menos**, uma sorte [...]”
- x c) “**Pois** é assim que a adolescência lida com o mundo.”
- d) “[...] acontece de chegarem, **quase sempre**, sãos e salvos [...]” Descritor: 15 – Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios, etc.

A terceira questão quer que o aluno identifique em qual quesito o narrador não apresenta ponderadamente suas ideias. Em todos os quesitos há palavras/expressões destacadas, apenas uma delas indicando conclusão, enquanto as outras indicam incerteza, imprecisão.

4. É possível identificar o tema do texto, pois nele há um narrador:

- a) adolescente, conforme se percebe na frase “Imagina se eu mudo o meu ritmo, o mundo que se acostume a ele!”.
- b) adulto, refletindo sobre a arrogância da juventude.
- c) de faixa etária indefinida, que censura a adolescência.
- x d) adulto, refletindo sobre a passagem do tempo e suas próprias limitações. Descritor: 6 – Identificar o tema de um texto.

A quarta questão solicita que o estudante identifique o narrador do texto e traz elementos em cada quesito para que o aluno perceba qual está totalmente correto. Não pode ser a letra A e nem a letra C porque ele não é adolescente e nem idoso (narrador caracteriza-se como “a idade adulta”); não pode ser a letra B porque ele não foca na arrogância dos jovens.

5. No fragmento “[...] e é assim, **distraídos**, que mudam o mundo”, o termo em destaque significa:

- x a) despreocupados.
- b) enganados.
- c) esquecidos.
- d) iludidos. Descritor: 3 – Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.

A quinta questão quer que o aluno indique o significado da palavra ‘distraídos’ no contexto.

6. Leia esta tira, de Laerte:



O humor da tira está no fato de que:

- a) o pai se preocupa em dialogar com o filho, mas ele ainda é criança.
- x b) uma palavra pode ter significados diferentes, de acordo com o contexto e com a faixa etária do locutor.
- c) para o filhote, a vida sempre recomeça.
- d) o pai se sente despreparado para lidar com a geração atual.

Descritores: 5 – Interpretar texto com o auxílio de material gráfico diverso (propagandas, quadrinhos, fotos, etc.); 16 – Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados; 18 – Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão.

A sexta questão traz uma tirinha de Laerte, dá alternativas que indicam o possível humor da tira, cujo gatilho do humor está na concepção ambígua do que seja “vida” a depender do contexto em que a palavra está inserida. No caso, o pai usa a palavra ‘vida’ para indicar que precisava falar com o filho sobre as dificuldades que ele provavelmente encontraria no cotidiano, porém o filho já sabia sobre o assunto da conversa, pois sua concepção, naquele exato momento, era de vida enquanto existência virtual de uma personagem de videogame (simbolizada, no jogo, por três corações no cato da tela). O garoto sabia que a vida da personagem dependia de sua habilidade enquanto jogador e que, se ele não lograsse êxito com a partida, a personagem perdia uma das três vidas disponíveis e que, se houvessem três “mortes”, o jogo recomeçaria. O pai desiste da conversa, talvez pela certeza absoluta do filho sobre o que era a vida ou pela reflexão de que ainda pudesse ser muito cedo para ter uma conversa tão séria.

Leia o trecho de um artigo de opinião, de Jairo Bouer, e responda às questões de 7 a 9.

O jovem na rua

[...]

Parece haver uma mudança de um estado de apatia crônica dos jovens (que não deixa de ser uma forma de protesto, uma espécie de resistência passiva) para uma agitação ainda sem foco muito definido (talvez uma insatisfação geral), uma forma de reação mais ativa, que cresce na medida em que os outros também se movimentam. Não dá pra ficar de braços cruzados, "vendo a banda passar", nesse momento histórico, quando eles estão cansados de tudo e de todos.

A escola está chata, a faculdade está fraca, o emprego é monótono, o salário é baixo, o atendimento médico é precário, demoro horas para chegar em casa e no trabalho, o trânsito é caótico, o transporte é cheio e ruim, nunca tenho dinheiro para comprar o que quero, a violência cresce perto de casa, as perspectivas de futuro não são lá muito animadoras, estou indignado com o que eu vejo e ouço sobre os políticos, corrupção e impunidade. Em resumo: ando de saco cheio! Mas o que fiz até aqui para mudar? Quase nada! No momento em que tudo isso vem à tona e percebo que outros sentem e passam por situações semelhantes levo desejos e frustrações para o meio da rua e os protestos se tornam uma forma efetiva de manifestar minha insatisfação, de tentar dizer um "basta".

[...]

Normal estar insatisfeito! Ótimo se mobilizar e tentar fazer a realidade mudar, com o apoio e a participação dos outros. Mas, sem apontar o movimento para uma direção e pensar em saídas, [...] pode cair em vazio absoluto, em paralisia, ou pior ainda, pode dar oportunidade para radicais e aproveitadores ganharem espaço e se exibirem, reproduzindo nas ruas exatamente aquilo que tanto se critica em nosso Congresso e na nossa política.

(O Estado de S. Paulo, 23/6/2013.)

Há um artigo de opinião que fala sobre o papel dos jovens nas manifestações de rua. O texto é base para as questões 07, 08 e 09.

7. A finalidade do texto é:

- a) informar o leitor sobre as razões da insatisfação dos jovens e apresentar soluções.
- b) persuadir o leitor para que participe de manifestações de rua.
- x c) apresentar ao leitor as possíveis razões das manifestações de rua, opinar sobre elas e dar sugestões.
- d) entreter o leitor com uma linguagem poética e agradável.

Descritores: 4 – Inferir uma informação implícita em um texto.
12 – Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros.

A sétima questão pergunta sobre a finalidade do texto e as quatro possibilidades de resposta são válidas. A letra A e B trazem apenas um dos objetivos do texto e a letra D diz respeito à finalidade de outro gênero textual, visto que o artigo, apesar de ser agradável, não possui linguagem poética.

8. O uso de parênteses no 1º parágrafo se justifica porque:

- a) destaca uma informação entre várias outras.
- b) se trata de uma informação descartável.
- c) funciona como uma confidência feita ao leitor.
- x d) apresenta um acréscimo ou ressalva do próprio autor em relação ao enunciado anterior.

Descritores: 4 – Inferir uma informação implícita em um texto. 17 – Identificar o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações.

A oitava questão pede que o aluno justifique o uso dos parênteses, feito duas vezes no primeiro parágrafo. É necessário perceber o contexto em que eles estão inseridos, o gênero textual em que foram utilizados, pois, na letra A, está uma das várias funções que justificam o uso dos parênteses em outros gêneros/contextos de produção, o mesmo que ocorre com as letras B e C.

9. O 2º parágrafo do texto é escrito em 1ª pessoa. O objetivo dessa mudança de pessoa é:

- x a) mostrar identificação e cumplicidade com os jovens manifestantes.
- b) quebrar a rigidez do texto argumentativo em 3ª pessoa.
- c) apresentar-se também como um dos manifestantes.
- d) fazer um relato confessional.

Descritor: 19 – Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos estilísticos e da morfossintaxe.

A nona questão pergunta ao estudante a razão de o autor do texto ter-se posto em primeira pessoa do discurso unicamente no segundo parágrafo do texto. O parágrafo tem a função de “ser” a voz do jovem em um texto escrito por um adulto, mostrando que o autor entende as dificuldades da vida desse jovem e as razões pelas quais ele foi às manifestações de rua em 2013. O parágrafo dá uma sensação de quebra de rigidez do texto pelo uso de termos bem coloquiais, como “chata” e “saco cheio”, porém não é esse o motivo dessa mudança de pessoa. A letra C e D não podem ser verdadeiras porque os parágrafos anterior e posterior mostram que o autor apenas comenta sobre o fato em si e o que motivou os jovens a irem protestar.

10. Observe o gráfico ao lado e assinale a interpretação adequada.

- a) Os jovens pesquisados são brasileiros e têm entre 0 e 24 anos.
- x b) Após os 18 anos, os jovens trocam gradativamente os estudos pelo mercado de trabalho.
- c) A quantidade de jovens estudando cresce após os 18 anos.
- d) Jovens de 12 anos apenas estudam.

Descritores: 4 – Inferir uma informação implícita em um texto. 5 – Interpretar texto com o auxílio de material gráfico diverso (propagandas, quadrinhos, fotos, etc.).

(Disponível em: <http://www.unfpa.org.br/Arquivos/livro/juventude.pdf>. Acesso em: 28/6/2014.)



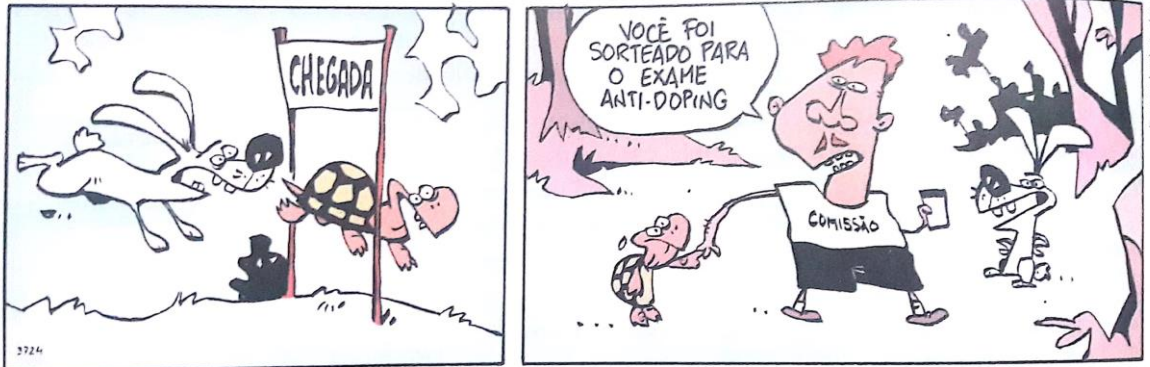
BANCO MUNDIAL. World Development Report 2007: Development and the next generation, apud A Juventude Brasileira no Contexto Atual e em Cenário Futuro, Rosemary Barber-Madden e Tais de Freitas Santos (org.). Brasília: UNFPA, SNJ, UnB e Caixa Seguros, 2009.

A décima questão traz um gráfico que mostra um percentual mundial de jovens de 12 a 24 anos que estudam e trabalham a fim de que o aluno faça a interpretação adequada do mesmo. A letra A é eliminada quando diz que o gráfico diz respeito a jovens brasileiros, enquanto no gráfico há a informação de que é “no mundo”. A letra C não é correta pelo fato de ser bem visível a linha, constantemente decrescente, que diz respeito aos que estudam. A letra D é incorreta porque a linha que indica trabalho começa aos 12 anos, logo, eles não apenas estudam.

A atividade é bem coerente ao longo das 10 questões, mostrando que pode haver a escolha de um tema central – o comportamento do jovem –, encontrar esse tema em vários gêneros textuais, abordado em situações bem distintas, e utilizar tanto o tema quanto o gênero textual para estudos metalinguísticos, epilinguísticos e reflexivos acerca da temática, construindo questões úteis, tirando a falsa impressão de que questão objetiva é fácil e óbvia.

ATIVIDADE 5

Leia esta tira, de Fernando Gonsales:



(Niquel Náusea — A perereca da vizinha. São Paulo: Devir, 2005. p. 21.)

A atividade é composta de duas questões e tem uma tirinha como base para ambas. A tira mostra uma releitura da fábula “a lebre e a tartaruga” em que a tartaruga vence, porém, dando saltos, o que a leva a ser “sorteada” para fazer um exame a fim de detectar o uso de estimulantes.

1. A tira cita uma fábula conhecida, estabelecendo com ela uma relação de intertextualidade.

a) Qual é a fábula citada? *A lebre e a tartaruga, de Esopo.*

b) Na fábula citada, por que a tartaruga vence a corrida?

Porque a lebre, durante o percurso, estando bem à frente da tartaruga, resolve dormir e, quando acorda, a tartaruga já havia vencido a corrida.

c) Que fato surpreendente e atual modifica a fábula citada?

A realização de um exame antidoping. Professor: Pergunte aos alunos o que é esse tipo de exame e para que ele é realizado em competições esportivas.

d) Por que a tartaruga manifesta surpresa?

Professor: Abra a discussão com a classe. Ela pode estar surpresa porque fazer exame antidoping não faz parte da história em que, com a lebre, ela é personagem; ou porque ela de fato pode ter usado algum tipo de droga e, por isso, vai perder o primeiro lugar.

A primeira questão fala da relação intertextual existente entre a tirinha e a fábula já (provavelmente) conhecida pelo aluno. Na letra a, é pedido que o aluno diga a qual fábula a tirinha faz referência – a lebre e a tartaruga. A letra B questiona o motivo da vitória da tartaruga na fábula – a lebre ter dormido e a tartaruga não ter desistido e vencido a corrida. A letra C pergunta qual elemento moderno modifica a fábula citada – o fato de haver um exame antidoping. A letra D quer saber a razão da surpresa da tartaruga – provavelmente por não saber que haveria alguma contestação de sua vitória.

2. Em relação à frase “Você foi sorteado para o exame *antidoping*”:

a) Indique o sujeito e o predicado. sujeito: você; predicado: foi sorteado para o exame *antidoping*.

b) Quem recebe a ação verbal expressa em **foi sorteado**? A tartaruga, representada pelo pronome *você*.

É provável que seja a comissão julgadora, embora essa informação não apareça na frase. Professor: Chame a atenção dos alunos para o fato de que, no 2º quadrinho, o homem usa uma camiseta com a inscrição “Comissão”.

c) Levante hipóteses: Quem pratica a ação verbal? *A comissão sorteou você.*

d) Reescreva a frase, empregando a expressão **a comissão** como sujeito da oração. *A comissão sorteou você.*

A segunda questão é direcionada à fala da personagem no segundo quadrinho. A letra A pergunta quem é o sujeito e o predicado da oração – você. A letra B quer saber quem recebe a ação da locução “foi sorteado” – a tartaruga. A letra C pede que o aluno levante hipóteses sobre quem praticou tal ação verbal – provavelmente o rapaz que está levando a tartaruga, pois ele faz parte da comissão (julgadora do evento) e tem autonomia para isso. A letra D pede para que o aluno reescreva a frase utilizando “a comissão” como sujeito da oração – A comissão sorteou você para o exame anti-doping.

A tirinha presente na atividade não explora o sentido de “sorteado”, que, no contexto, pode expressar a ideia de “obrigação”, uma vez que fica claro que a tartaruga não estava em seu corriqueiro estado físico, havendo uma grande suspeita sobre o uso de substâncias que podem tê-la estimulado, servindo o exame apenas para comprovar o doping.

Apesar de não tratar o fenômeno semântico presente na tirinha, a atividade contempla outros elementos também importantes, como a intertextualidade, a linguagem não verbal presente na tirinha e a verbal fora do balão de fala, inferindo conhecimento de mundo do aluno para resolução da questão.

ATIVIDADE 6

1. Há, a seguir, pares de palavras. Reescreva, acentuando corretamente, apenas as paroxítonas que devem ser acentuadas.

a) saci — taxi *táxi*

c) nuvem — hifen *hífen*

e) carater — temer *caráter*

b) urubus — Venus *Vênus*

d) orfãs — irmãs *órfãs*

f) futil — sutil *fútil*

A atividade tem início sem texto, trazendo seis pares de palavras sem acento gráfico, solicitando aos alunos que, de cada par, ele reescreva as palavras que devem ser acentuadas, acentuando-as corretamente e frisa que devem ser apenas as paroxítonas. Fazendo um questionamento simples ao professor – o que são paroxítonas? – e obtendo a resposta correta, o aluno só sentiria dificuldade em responder um dos seis quesitos, a letra C, visto que em todos os outros pares apenas uma das palavras é paroxítona.

2. A tira a seguir, de Adão Iturrusgarai, apresenta duas palavras que estão propositalmente grafadas sem o devido acento gráfico. Leia-a, tentando identificar essas palavras.



- a) Reescreva as palavras que devem ter acento gráfico, acentuando-as adequadamente. *você, fértil*
 b) Reescreva o enunciado do balão, passando para o plural o que for possível e acentuando adequadamente as palavras. *Vocês têm as mentes muito férteis.*

Na segunda questão temos uma tirinha de Adão Iturrusgarai em que foram retirados os acentos gráficos das palavras ditas por uma das personagens a fim de que o aluno perceba-as ao ler o texto. Na letra a, é pedido que o estudante reescreva as palavras identificadas por ele na leitura, acentuando-as corretamente. Provavelmente o aluno identificará a palavra ‘você’ por lhe ser muito familiar e a palavra ‘fértil’ por deduzir que, sem acento, ela seria lida “fértil(i)”, mas poderá ficar em dúvida em relação à palavra ‘tem’, porque ela admite acento ao fazer referência a um sujeito composto ou no plural, porém ficando com a mesma pronúncia de quando faz referência a um sujeito simples em ambas as escritas. Na letra B solicita-se que o aluno reescreva toda a sentença, modificando o número das palavras, no caso, passando o enunciado do singular para o plural. A dificuldade da questão consiste na mesma provável dúvida da letra A, relativa à palavra ‘tem’ e poderá surgir na construção do plural da palavra ‘fértil’, dúvida que possivelmente será sanada pelo professor se a atividade

for respondida em sala de aula. Ironicamente, uma tirinha que traz ambiguidade na palavra ‘fértil’ poderia servir de gancho não apenas para o estudo do gênero, mas compreender o gatilho do humor ou os sentidos da palavra ‘fértil’ nesse e em outros contextos. O recurso não verbal também poderia ser mais explorado, mostrando a relação entre o que é dito pela moça, o que ela está vendo, se ela poderia estar vendo aquilo na vida real etc.

- 3.** Os acentos de algumas palavras das adivinhas abaixo foram retirados propositalmente. Reescreva essas palavras, acentuando-as adequadamente, e, em seguida, tente responder às adivinhas.
- a) O que é que nasce grande e morre pequeno? *lápiz*
 - b) Qual é a água que nunca está poluída? *água, está — a água de coco*
 - c) Qual é o planeta que cura machucados? *Mercúrio*
 - d) Se as vacas voassem, para onde elas iriam? *Para a Via Láctea.*

A terceira questão traz quatro adivinhações. É pedido que o aluno perceba quais palavras nos enunciados estão sem acento gráfico, assim que (se) identificá-las, reescreva-as acentuando-as corretamente e, em seguida, responda às adivinhas, cujas respostas são/contêm palavras acentuadas. Apenas na letra B há palavras em que falta o acento agudo (água e está), portanto, se ele não souber/quiser responder às adivinhações, ficará sem fazer 75% da questão e não pode ser penalizado por isso, uma vez que trata-se de uma questão totalmente subjetiva.

A atividade peca em muitos quesitos, principalmente na elaboração das questões e no mau aproveitamento da tirinha presente na segunda questão. É um exercício que não levará o aluno a exercitar nada estudado recentemente, pois a resolução de suas questões se dará apenas por conhecimentos de mundo e gramaticais adquiridos anteriormente ao ano que está cursando, não fazendo relação ao que foi estudado no LD.

ATIVIDADE 7



A atividade é iniciada com uma tirinha de Jean Galvão mostrando, no primeiro quadrinho, dois soldados em combate falando sobre uma possível promoção a sargento, caso vençam a guerra, ou a expulsão da instituição militar caso não vençam – o que acontece, como é mostrado no quadrinho seguinte.

1. Observe a grafia destas palavras da tira: **sargento** e **sarjeta**. As letras **g** e **j** apresentam o mesmo som em ambas as palavras? Qual é ele? *Sim; o som "gê".*

A primeira questão pede que o aluno atente às palavras ‘sargento’ e ‘sarjeta’, presentes na tirinha, e pergunta qual o som semelhante entre os dois vocábulos. Nada relativo à construção textual, aos fenômenos linguísticos existentes no texto ou à complementação mútua entre linguagem verbal e não verbal presentes na tirinha é trabalhado na atividade. Nesse caso, o gênero serve unicamente como pretexto para estudo gramatical metalinguístico. É possível dizer que o gatilho do humor está apenas no segundo quadrinho e que é constituído pelo que é dito e pelo que é visto, ao mesmo tempo. Podemos perceber que, ainda que as personagens estejam próximas a uma sarjeta, a palavra complementa a fala anterior, indicando que foram expulsos da corporação por não terem vencido a guerra, mostrando, em uma mesma situação, dois sentidos da palavra em questão. Poderia ser explorado também o “jogo sonoro” que é feito entre as palavras ‘sargento’ e ‘sarjeta’ e que a escolha desta última não foi aleatória pelo fato de haver outras expressões coloquiais sinônimas a ela, como “olho da rua” e “pé na bunda”.

2. Leia em voz alta as duas sequências de palavras seguintes, observando o som das letras **g** e **j**.

gata gota gula japonês jogador juramento

- a) Qual é o som da letra **g** nas palavras acima? O som “guê”.
- b) E o da letra **j**? O som “gê”.

A segunda questão traz uma sequência de palavras que possuem “g” e/ou “j” em sua composição e solicita que o estudante observe o som de ambas as letras em cada uma das palavras. A letra A quer saber qual o som da letra “g” nas palavras (todas possuem o som “guê”). A letra B quer saber qual o som da letra “j” nas palavras (todas possuem o som “gê”). A terceira questão traz afirmações acerca da relação letra/fonema presente nas palavras escritas com “g” ou “j” presentes nas questões anteriores.

É uma boa atividade para se exercitar as possibilidades de sons que se pode ter com as letras “g” e “j” nas palavras. O gênero humorístico presente na atividade passa totalmente despercebido enquanto texto multimodal, sendo útil apenas por conter palavras para estudos ortográficos.

ATIVIDADE 8

Leia esta tira, de Fernando Gonsales:



(Folha de S. Paulo, 16/8/2013.)

Uma tirinha de Fernando Gonsales é a base para todas as questões da atividade.

1. Leia estas frases da tira, observando as palavras destacadas:

- "Prepare-se **para** sentir o sabor **da** minha espada!"
- "A TV acabou **com** o nosso relacionamento!"

- a) As palavras destacadas podem expressar finalidade, alvo de uma ação ou possuidor. Qual delas expressa finalidade? E alvo de uma ação? E possuidor? *Respectivamente: para, com, da (de + a)*
- b) Se eliminássemos das frases as palavras **para**, **de** e **com**, elas continuariam a ter o sentido original? *Não.*
- c) Conclua: Que papel desempenham nas orações palavras como **para**, **de** e **com**?
Elas ligam ou relacionam palavras, de modo que o sentido da primeira é completado pelo sentido da segunda.

A primeira questão pede que o aluno releia as duas falas ditas pelo cavaleiro na tirinha e as reproduz dando destaque às palavras 'para', 'da' e 'com'. A letra A diz que elas podem expressar finalidade, alvo de ação e possuidor e solicita que o aluno indique o que cada uma expressa. Na letra B, o autor pergunta se a retirada das palavras destacadas das frases faria com que as frases perdessem o sentido. Não é pedido que o aluno explique sua resposta, cabendo apenas um "sim" ou um "não". Apesar de o livro trazer como resposta apenas o "não", é possível perceber que a frase "A TV acabou com o nosso relacionamento!" continuaria a ter o mesmo sentido sem a preposição "com", pois o verbo "acabar" é bitransitivo, ou seja, permite ser complementado por um objeto preposicionado ou não. A letra C pergunta o papel que as palavras destacadas desempenham nas orações. Levando em conta que é uma atividade para introduzir o assunto "preposição" e que o conceito de preposição está logo abaixo da atividade, não precisa o aluno raciocinar para responder a essa indagação.

2. As personagens da tira são representadas sempre juntas, em gravuras ou imagens.

a) Quem são elas? *São Jorge e o dragão.*

b) Tradicionalmente, em que situação as gravuras ou imagens mostram as duas personagens?
Em situação de luta.

A segunda questão foca nas personagens da tirinha e direciona a resposta ao dizer que elas são sempre retratadas juntas, em gravuras ou imagens, ou seja, a resposta mais fácil de ser dada à letra A, que pergunta quem são elas, é “São Jorge e o dragão”. É bem difícil, mas, dependendo do contexto escolar em que o LD está sendo utilizado, é possível que alguns alunos não tenham conhecimento da imagem de São Jorge lutando com o dragão. Na letra B é questionado ao aluno se ele sabe em que situação tradicionalmente as personagens são retratadas. Se o aluno não conhecer a imagem original, não responderá ao que foi pedido, mas, mesmo sem conhecer, é possível imaginar que seja uma situação de luta, uma vez que, no primeiro quadrinho, o cavaleiro desafia e ameaça a outra personagem, mostrando-se desapontado no quadrinho seguinte.

3. Em que reside o humor da tira?

Na ideia de que as personagens formariam um casal e que o relacionamento entre elas já não é o mesmo por causa da TV.

A terceira questão atém-se a perguntar onde está o humor da tira. Se o aluno não tiver a concepção de que o humor de um texto não está em rir, mas sim na quebra da expectativa (resumidamente falando), ele poderá responder simplesmente que não achou graça na história. A tirinha base para a atividade não é explorada a fim de que se faça uma análise linguística, mostrando, por exemplo, a ambiguidade lexical representada na primeira fala do cavaleiro pela palavra ‘sabor’, que essa palavra pode ter o sentido não apenas de sensação ligada ao paladar, mas de sensação física, como é o caso da tira. A segunda fala da personagem também possui elementos que poderiam ser trabalhados com mais profundidade, como a polissemia existente na palavra ‘acabou’, pois o verbo “acabar” possuirá diversos sentidos a depender do contexto em que estiver inserido, como “finalizar” em “acabei o projeto”, ou fazendo referência a algo recente em “acabei de chegar”, ou de “estragar” em “ele acabou com o bolo, quando jogou um ovo podre dentro”, ou ainda de “descontinuidade”, como na fala da personagem da tirinha. Outra palavra que poderia ter seu sentido analisado é “relacionamento”, que geralmente é usada em situações de afeto e respeito, o que não é o caso do cavaleiro e do dragão, em que é usada mais no sentido de relação de trabalho, ou relação de função pré-estabelecida. Ainda poderia ter havido uma reflexão sobre a interjeição “shh”,

que pode significar ordem de silêncio absoluto ou, ao ser proferida pelo dragão, indica não apenas seu interesse no que estava vendo na televisão, mas total falta de atenção ou medo das ameaças feitas pelo cavaleiro, mesmo este portando uma espada.

Por mais que a atividade não explore os recursos linguísticos utilizados na construção das falas das personagens, indaga aos estudantes sobre o humor da tira, trabalha a importância das preposições enquanto elementos de coesão e infere conhecimento de mundo quando solicita que os alunos façam relação entre as personagens da tira e personagens de outra esfera artística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou explicar de maneira geral os estudos necessários que servem de base para a elaboração de um material didático que contemple não apenas o texto em sua esfera superficial de interpretação ou utilizando-o apenas para o trabalho da gramática normativa em uma perspectiva metalinguística ou epilinguística, mostrando que é possível fazer um aprofundamento na interpretação de textos menores, como é o caso da tirinha, bem como explorar mais a fundo a escolha da linguagem verbal e/ou não verbal, mostrando que muitos recursos sintáticos, semânticos e pragmáticos não estão ali aleatoriamente.

Faz-se necessário que se tenha um conhecimento mais aprofundado acerca da constituição e das funcionalidades dos mais variados gêneros textuais a fim de que se trilhe caminhos seguros para trabalhá-los nas aulas de língua portuguesa e dar ferramentas para que o aluno consiga perceber o texto em sua totalidade, não ficando preso somente a saber quem são as personagens, onde se passa a história e onde está o humor do texto. Cabe aqui também uma reflexão para o professor, independente da área de ensino, que trabalhar um texto em todas suas camadas dá autonomia para que o aluno consiga fazer isso não apenas na disciplina de língua portuguesa, mas em todas as outras, uma vez que o aprendizado de cada uma se dará pela manifestação do texto verbal, não verbal, oral ou escrito.

Pensemos em um aluno que não consiga se sentir capaz de compreender um gênero textual na aula de língua portuguesa, que é onde ele acredita ser o único espaço que terá para desempenhar tal competência (e, na maioria das vezes, realmente é), esse aluno vai internalizar que aquela dificuldade se dará nas outras disciplinas, principalmente as humanas, que trabalham recorrentemente com textos verbais escritos, terminando seus estudos

“com a quase inabalável certeza de que é incapaz, de que é linguisticamente deficiente, inferior, não podendo, portanto, tomar a palavra ou ter voz para fazer valer seus direitos, para participar ativa e criticamente daquilo que acontece à sua volta. Naturalmente, como tantos outros, vai ficar à margem do entendimento e das decisões de construção de uma sociedade.”. (ANTUNES, 2009: P. 20)

Seria de suma importância que se percebesse aqui a existência não apenas de um, mas de vários objetivos na elaboração de todo esse estudo, visto que é um material norteador para que se compreenda a importância de ter conhecimento acerca dos domínios discursivos que englobam as mais diversas modalidades de uso da língua, seja no âmbito escrito ou oral, além da grande quantidade de gêneros existentes em tais âmbitos e perceber que um mesmo gênero

textual pode estar presente em mais de um domínio discursivo, a depender da função que aquele texto vai desempenhar em determinado suporte / momento.

Outros dois fatores que julgamos como um dos objetivos é a explicitação da diferença entre tipo textual e gênero textual e a caracterização de gêneros multimodais da esfera humorística, pois ainda surgem muitas dúvidas, principalmente no que tange à nomenclatura dada a eles por alguns possuírem características de outros. Buscamos em Marcuschi (2008) e esclarecemos aqui que é preciso saber da existência de poucos tipos textuais e que estes serão reguladores do modo de escrever, ou seja, serão constituídos de normas (principalmente sintáticas) pré-estabelecidas, caracterizando um estilo próprio, enquanto gênero textual é o que encontraremos em nosso cotidiano, construído nas mais diversas situações comunicacionais, podendo ser possível encontrar dentro dele mais de um tipo textual.

Houve a escolha de uma coleção de LD's como objeto de análise por ser um dos suportes que mais possui diversidade de gêneros textuais, por ser apenas esse material o utilizado na maioria das escolas do nosso país e pela sua importância enquanto, muitas vezes, único elemento mediador entre a literatura e o estudante leitor. Buscamos, através de um aprofundamento nesses livros, perceber a abordagem utilizada pelos autores em relação a um aspecto semântico em particular – a ambiguidade – e constatamos que, apesar de eles afirmarem que há a “proposta de um trabalho consistente de leitura (...), comprometida com a formação de leitores competentes de todos os tipos de textos e gêneros em circulação social”, tal afirmação só seria correta se a concepção de leitor fosse a de “decodificador”, pois, muitas vezes, encontramos ocorrências de textos que exploram seus sentidos apenas de forma superficial, o que não habilita um estudante a “ler” o texto em questão.

A análise feita em oito atividades é uma pequena amostra de como os autores utilizam a tirinha nos exercícios relativos a ela, não levando em consideração, muitas vezes os fenômenos linguísticos presentes na construção do gênero em questão – lembrando que só analisamos a ambiguidade, mas a tirinha não ter outros recursos semânticos explorados, como a sinonímia, a antonímia, o acarretamento, a pressuposição, é algo que foi possível perceber ao longo da apreciação dos quatro livros.

O objetivo dessa análise é mostrar como é necessário dar mais importância ao gênero textual como um todo, se ele está presente na construção de uma atividade e esse objetivo une-se aos outros citados anteriormente e constituem, assim, um objetivo além desse texto, que é levar o aluno de graduação, o professor e qualquer pessoa que venha a utilizar um gênero textual para elaborar uma atividade a compreender que o texto pode e deve ser explorado em suas camadas mais profundas, desfazendo a ideia de que aprender língua

portuguesa é chato, mostrando o poder que se tem quando se domina o seu idioma e consegue-se aplicá-lo dentro e fora da sala de aula, com as mais diversas finalidades.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. 7ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1984.

COSTA, Nelson Barros da. **Canção popular e ensino da língua materna: o gênero canção nos Parâmetros Curriculares de Língua portuguesa**. Revista linguagem em (Dis)curso, v. 4, n. 1, jul/dez. 2003.

DIONÍSIO, A. P., BEZERRA, M. A., MACHADO, A. R. **Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos**. In: _____. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

EGUTI, C. A. **A representatividade da oralidade nas histórias em quadrinhos**. 2001. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2001.

FERRAZ, Mônica; ESCARPINETE, Mariana. **Explorando as noções de oposição na interface léxico-cultural: a relação de antonímia como elemento constitutivo do texto**. In: FERRAZ, Mônica; NASCIMENTO, Erivaldo. **Semântica e Ensino**. Curitiba: Ed. CRV, 2015.

GERALDI, João W. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João W. **Semântica**. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: o que são e como se constituem**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

POSSENTI, S. **Os humores da língua: análises linguísticas de piadas**. Campinas: Mercado de letras, 1998.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. **Dicionário de comunicação**. São Paulo: Ática, 1987.

RASKIN, Victor. “**Semantic Mechanisms of Humor**”. In: *Studies in Linguistics and Philosophy*, 24. Holland: D Reidel Publishing Company, 1985.

SARMENTO, Leila Lauar. **Oficina de redação**. 3ª edição, São Paulo. Ed. Moderna, 2006.

VALENTE, André. **O processo de criação das charges**. In: AZEREDO, J. C. (org.). **Letras & comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

<http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>

ANEXOS

ANEXO 1

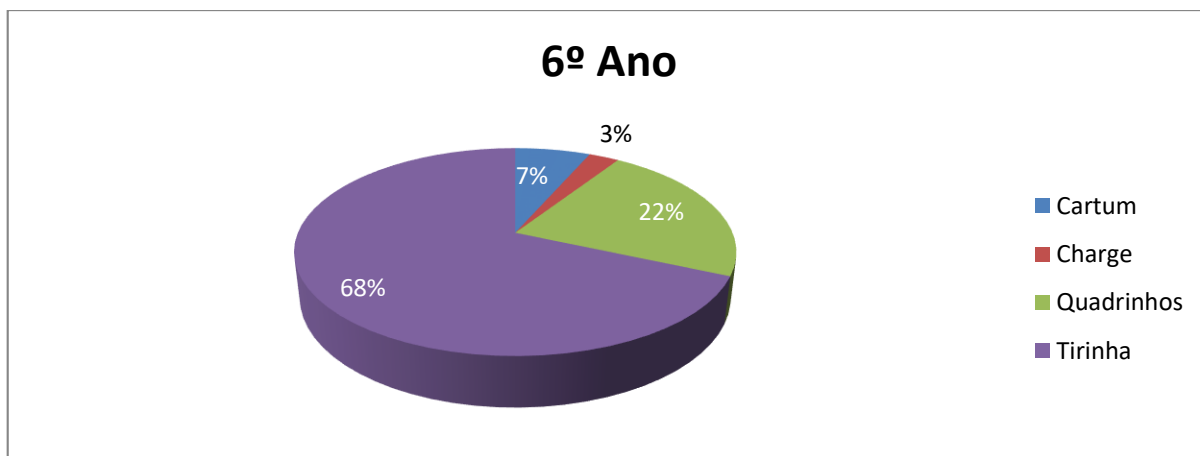
DOMÍNIOS DISCURSIVOS	MODALIDADES DE USO DA LÍNGUA	
	ESCRITA	ORALIDADE
INSTRUCIONAL (científico, acadêmico e educacional)	Artigos científicos; verbetes de enciclopédias; relatórios científicos; notas de aula; nota de rodapé; diários de campo; teses; dissertações; monografias; glossário; artigos de divulgação científica; tabelas; mapas; gráficos; resumos de artigos de livros; resumos de livros; resumos de conferências; resenhas; comentários; biografias; projetos; solicitação de bolsa; cronograma de trabalho; organograma de atividade; monografia de curso; monografia de disciplina; definição; autobiografias; manuais de ensino; bibliografia; ficha catalográfica; memorial; curriculum vitae; parecer técnico; verbete; parecer sobre tese; parecer sobre artigo; parecer sobre projeto; carta de apresentação; carta de recomendação; ata de reunião; sumário; índice remissivo; diploma; índice onomástico; dicionário; prova de língua; prova de vestibular; prova de múltipla escolha; diploma; certificado de especialização; certificado de proficiência; atestado de participação; epígrafe	Conferências; debates; discussões; exposições; comunicações; aulas participativas; aulas expositivas; entrevistas de campo; exames orais; exames finais; seminários de iniciantes; seminários avançados; seminários temáticos; colóquios; prova oral; arguição de tese; arguição de dissertação; entrevista de seleção de curso; aula de concurso; aulas em vídeo; aulas pelo rádio; aconselhamento
Jornalístico	Editoriais; notícias; reportagens; nota social; artigos de opinião; comentário; jogos; história em quadrinhos; palavras cruzadas; crônica policial; crônica esportiva; entrevistas jornalísticas; anúncios classificados; anúncios fúnebres; cartas do leitor; cartas ao leitor; resumo de novelas; reclamações; capa de revista; expediente; boletim do tempo; sinopse de novela; resumo de filme; cartoon; caricatura; enquête; roteiros; errata; charge; programação semanal; agenda de viagem	Entrevistas jornalística; entrevistas televisivas; entrevistas radiofônicas; entrevista coletiva; notícias de rádio; notícias de tv; reportagens ao vivo; comentários; discussões; debates; apresentações; programa radiofônico; boletim do tempo
Religioso	Orações; rezas; catecismo; homilias; hagiografias; cânticos religiosos; missal;	Sermões; confissão; rezas; cantorias; orações;

	bulas papais; jaculatórias; penitências; encíclicas papais	lamentações; benzeções; cantos medicinais
Saúde	Receita médica; bula de remédio; parecer médico; receitas caseiras; receitas culinárias	Consulta; entrevista médica; conselho médico
Comercial	Rótulo; nota de venda; fatura; nota de compra; classificados; publicidade; comprovante de pagamento; nota promissória; nota fiscal; boleto; boletim de preços; logomarca; comprovante de renda; carta comercial; parecer de consultoria; formulário de compra; carta-resposta; comercial; memorando; nota de serviço; controle de estoque; controle de venda; copyright; bilhete de avião; bilhete de ônibus; carta de representação; certificado de garantia; atestado de qualidade; lista de espera; balanço comercial	Publicidade de feira; publicidade de tv; publicidade de rádio; refrão de feira; refrão de carro de venda de rua
Industrial	Instruções de montagem; descrição de obras; código de obras; avisos; controle de estoque; atestado de validade; manuais de instrução	Ordens
Jurídico	Contratos; leis; regimentos; estatutos; certidão de batismo; certidão de casamento; certidão de óbito; certidão de bons antecedentes; certidão negativa; atestados; certificados; diplomas; normas; regras; pareceres; boletim de ocorrência; edital de convocação; edital de concurso; aviso de licitação; auto de penhora; auto de avaliação; documentos pessoais; requerimento; autorização de funcionamento; alvará de licença; alvará de soltura; alvará de prisão; sentença de condenação; citação criminal; mandado de busca; decreto-lei; medida provisória; desmentido; editais; regulamentos; contratos; advertência;	Tomada de depoimento; arguição; declarações; exortações; depoimento; inquérito judicial; inquérito policial; ordem de prisão
Publicitário	Propagandas; publicidades; anúncios; cartazes; folhetos; logomarcas; avisos necrológicos; outdoor; inscrições em muros; inscrições em banheiros; placas; endereço postal; endereço eletrônico; endereço de internet.	Publicidade na TV; publicidade no rádio.
Lazer	Piadas; jogos; adivinhas; histórias em quadrinhos; palavras cruzadas; horóscopo.	Fofocas; piadas; adivinhas; jogos teatrais.
Interpessoal	Cartas pessoais; cartas comerciais; cartas abertas; cartas do leitor; cartas	Recados; conversações espontâneas; telefonemas;

	oficiais; carta-convite; cartão de visita; e-mail; bilhetes; atas; telegrama; memorandos; boletins; relatos; agradecimentos; convites; advertências; informes; diário pessoal; aviso fúnebre; volantes; lista de compras; endereço postal; endereço eletrônico; autobiografia; formulários; placa; mapa; catálogo; papel timbrado	bate-papo virtual; convites; agradecimentos; advertências; avisos; ameaças; provérbios.
Militar	Ordem do dia; roteiro de cerimônia oficial; roteiro de formatura; lista de tarefas.	Ordem do dia
Ficcional	Épica; lírica; dramática; poemas; diários; contos; mitos; peça de teatro; lendas; parlendas; fábulas; histórias em quadrinhos; romances; crônicas; dramas; roteiro de filme.	Fábulas; contos; lendas; poemas; declamações; encenações.

Fonte: MARCUSCHI, L. A. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008. Págs 194 a 196.

ANEXO 2



GÊNERO	PÁGINA
CARTUM	12, 117, 164*, 214**, 249
CHARGE	99, 108**
QUADRINHOS	30, 43, 74, 89, 94***, 102*, 109, 114***, 116, 119, 127*, 142, 206*, 251, 253, 254, 257**
TIRINHA	24, 32, 33*, 41, 44**, 47**, 47, 60, 74, 98**, 106, 107**, 107**, 108**, 109, 110**, 110** 110**, 118, 128, 130**, 134, 137, 140*, 142, 158, 159, 161, 163, 168, 183, 186, 186*, 198, 198, 201, 204, 207, 209, 229**, 230**, 231, 231, 235, 238, 255**, 258, 262, 280, 281, 282, 284

(sem asterisco) Aparece dentro da atividade

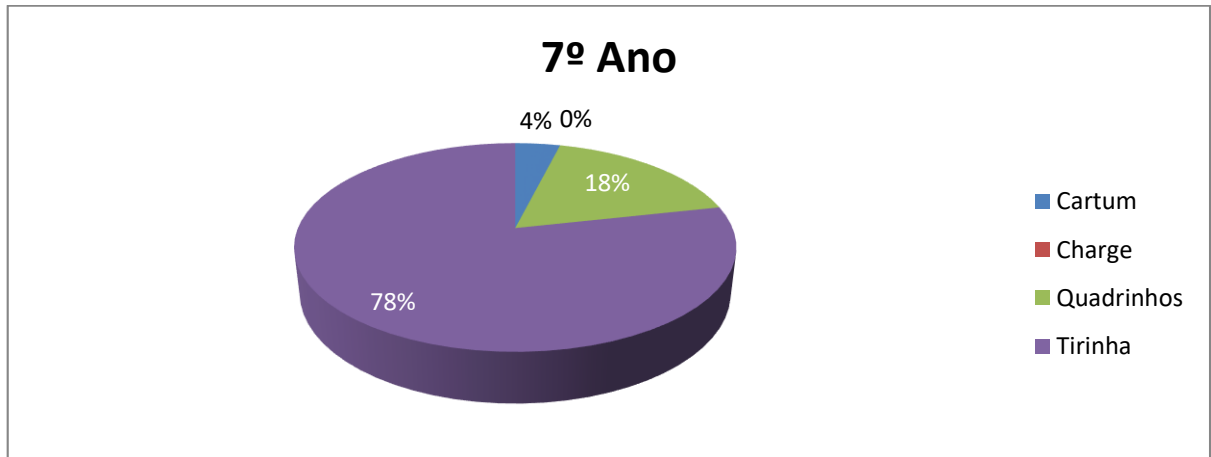
* Aparece como leitura para diversão

** Aparece ilustrando texto de conceito

*** Gênero usado como produção textual

Página, questão e quesito onde há tirinha com ambiguidade

24 – 4b; 107 – 4b; 134 – 4; 137 – 2b; 201; 208 – 5; 231 – 2; 238; 262 – 6; 281; 284 – 8



GÊNERO	PÁGINA
CARTUM	68*, 107***
CHARGE	
QUADRINHOS	29**, 55*, 66, 67, 116, 199, 258, 264*, 267
TIRINHA	34**, 35***, 38, 39, 47, 52, 63**, 70, 73, 92**, 97, 100, 101, 112, 113**, 115, 117, 132, 135, 138, 139, 158, 159, 160, 163, 181**, 185, 186, 201, 202, 206, 222, 241, 245, 245, 246, 246, 263, 266, 268

(sem asterisco) Aparece dentro da atividade

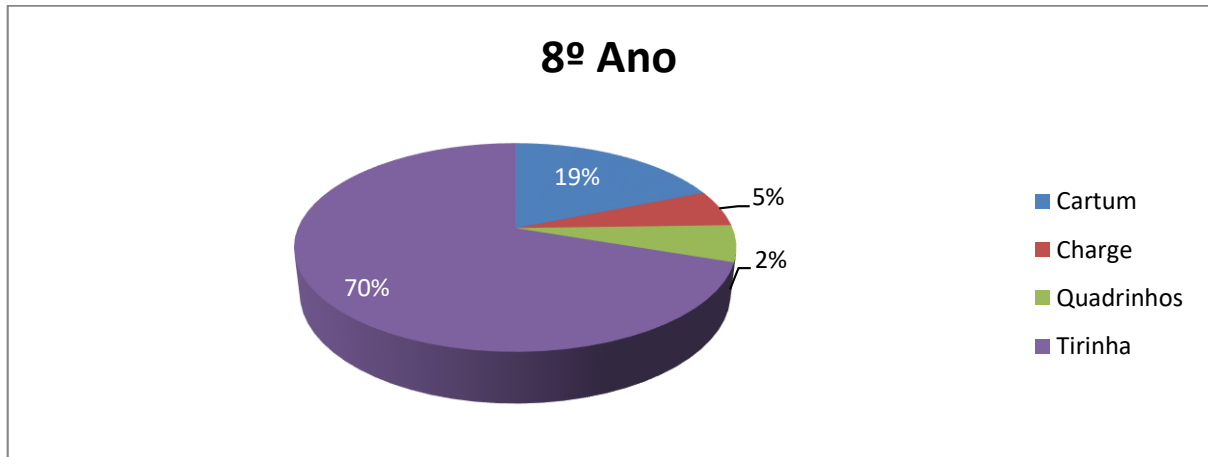
* Aparece como leitura para diversão

** Aparece ilustrando texto de conceito

*** Gênero usado como produção textual

Página, questão e quesito onde há tirinha com ambiguidade

38; 39; 160; 202



GÊNERO	PÁGINA
CARTUM	12, 48, 59**, 81, 118, 155, 174**, 216, 232, 233, 238*
CHARGE	36*, 60**, 63
QUADRINHOS	141**, 154, 191*
TIRINHA	19, 27**, 30, 33, 34, 50, 50, 68, 79, 82, 96, 116, 119, 123, 143, 147, 148, 168, 171, 174, 186, 204, 207, 209, 211, 231, 233, 238, 248, 249, 254, 257, 258*, 273, 276, 282

(sem asterisco) Aparece dentro da atividade

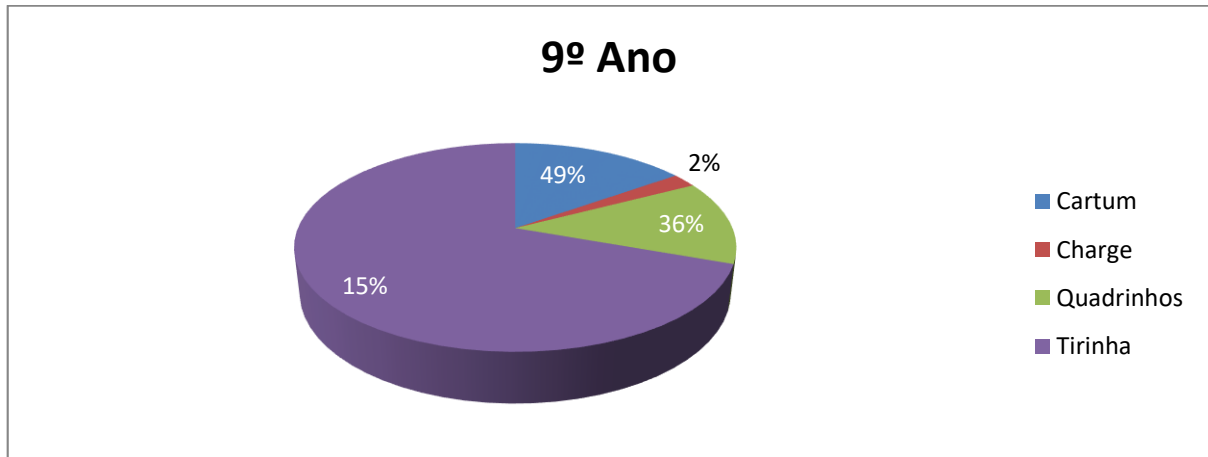
* Aparece como leitura para diversão

** Aparece ilustrando texto de conceito

*** Gênero usado como produção textual

Página, questão e quesito onde há tirinha com ambiguidade

116 – 5; 119 – 2



GÊNERO	PÁGINA
CARTUM	12, 22, 31, 166* 216, 240*, 264*
CHARGE	250***
QUADRINHOS	29, 42, 48*, 66*, 118*, 198,
TIRINHA	45, 60, 65, 68, 85, 90, 103, 105**, 121, 126, 128, 128, 131, 157, 159, 164, 180**, 185, 197, 206**, 210, 237, 239, 253, 255, 257, 259, 273**, 275**, 275, 279, 284

(sem asterisco) Aparece dentro da atividade

* Aparece como leitura para diversão

** Aparece ilustrando texto de conceito

*** Gênero usado como produção textual

Página, questão e quesito onde há tirinha com ambiguidade

121 – 2b; 126 – 4ª; 206; 210 – 6b